



Amigos com benefícios: “os homens dão amor em troca de sexo e as mulheres dão sexo em troca de amor”

Sara Maria Gonçalves Baptista

Orientador de Dissertação:
António Gonzalez

Coordenador de Seminário de Dissertação:
António Gonzalez

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2010/2011

Resumo

O seguinte estudo tem como objectivo constatar se existem diferenças entre o sexo feminino e masculino na forma como encaram e se comportam numa relação de *amigos com benefícios*. O termo *amigos com benefícios* trata-se de um *script* sexual não-relacional e refere-se a uma relação não-romântica entre dois amigos que mantêm relações sexuais durante um certo período de tempo. Nele estão presentes três questões centrais: as duas partes envolvidas não se encontram numa relação de compromisso romântico uma com a outra, existe uma relação de amizade entre as duas partes e é uma relação que se prolonga no tempo. Trinta sujeitos, quinze homens e quinze mulheres com idades compreendidas entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos, foram sujeitos a uma entrevista face a face composta por dezoito questões referentes a opiniões e comportamentos relativamente à relação *amigos com benefícios*. Verificaram-se diferenças entre os géneros no que toca à predisposição para terem mais do que uma relação de *amigos com benefícios* em simultâneo, ao número de homens e mulheres que tiveram mais do que uma relação de *amigos com benefícios* que tiveram simultaneamente e na capacidade de manter a distância emocional aquando a relação.

Palavras-chave: amigos com benefícios, diferenças de género, ligação emocional.

Abstract

The following study aims to determine whether there are differences between male and female genders way to face and behave in a *friends with beneficts* relationship. The term friends with benefits it is a non-relational sexual script and refers to a non-romantic relationship between two friends who have sex for a certain period of time. The term includes three central issues: the two parties are not in a committed romantic relationship with one another, there is a relationship of friendship between the two parties and it is a relationship that extends over time. Thirty subjects, fifteen men and fifteen women aged between twenty-five and thirty-five years, have undergone a face to face interview containing eighteen questions concerning opinions and behaviors regarding the *friends with beneficts* relationship. There were gender differences regarding the willingness to have more than a relationship of *friends with beneficts* at the same time, the number of men and women who had more than a *friend with beneficts* relationship at the same time and the ability to maintain emotional distance during the relationship.

Key-words: friends with beneficts, gender differences, emotional conection.

O termo *amigos com benefícios* (ACB) refere-se a uma relação não-romântica entre dois amigos que mantêm relações sexuais durante um certo período de tempo (Mc Ginty, Kristen; Knox, David; Zusman, Marty E. (2007)). Trata-se de um *script* sexual não-relacional. Simon e Gagnon (1977) definem *script* sexual como um esquema mental que orienta as acções e fornece directrizes, organizando o comportamento dos indivíduos para que se saibam adequar às normas sociais presentes numa determinada cultura. Têm a função de orientar os comportamentos sexuais de acordo com certos parâmetros culturais, de detectar interesses partilhados que tornem possível que dois potenciais parceiros participem no mesmo acto sexual e de garantir a concretização dos desejos sexuais (RAMOS, Vera, CARVALHO, Cláudia Constante e LEAL, Isabel Pereira. Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*, abr. 2005, vol. 23, no. 2, p. 173 – 185)

No script sexual ACB estão presentes três questões centrais: 1) as duas partes envolvidas não se encontram numa relação de compromisso uma com a outra; 2) existe uma relação de amizade entre as duas partes, isto é, não se trata de um encontro sexual ocasional entre dois desconhecidos; 3) é uma relação que se prolonga no tempo, podendo mesmo tornar-se duradoura. Existem, no entanto, outras questões que não constam do *script*, como, por exemplo, se existe exclusividade sexual. Para além disso, o que se quer dizer quando se diz que esta relação não consiste num envolvimento romântico? Significa que, de facto, ele não existe entre as duas pessoas? Ou que, simplesmente, ambos decidem que assim deve ser? De facto, o papel de um *script* é orientar, ou seja, a partir do momento em que são adoptados os primeiros comportamentos, o *script* permite saber quais os próximos comportamentos a adoptar e quais as consequências possíveis. Isto quer dizer que, quando dois amigos se envolvem sexualmente um com o outro uma e outra vez e, ao mesmo tempo, decidem não iniciar uma relação de compromisso, poderão dizer que estão no rumo, ou se encontram já, numa relação de amigos com benefícios, relação esta em que o envolvimento romântico não é suposto. Ora, partir do pressuposto que o envolvimento romântico não faz parte deste tipo de relações, e este pressuposto faz parte da definição em si, não quer dizer que ele não aconteça.

Ainda que cada vez menos, vivemos ainda numa sociedade em que parece ser o género masculino quem mais se envolve neste tipo de relações, o que parece ser consistente com crenças gerais que se enquadram no duplo padrão sexual. Acredita-se que, comparativamente com o género feminino, o masculino apresenta um maior receio de assumir relações de compromisso, é

mais guiado pelo desejo sexual e prefere relações sexuais descomprometidas, ao invés de que é praticamente assumido que o gênero feminino busca envolvimento emocional e relações de compromisso. Estas noções são suportadas por estudos acerca das diferentes atitudes acerca de relações e comportamentos sexuais (Grello, Welsh e Harper, 2006; Herold e Mewhinney, 1993; Hyde, 2005; Levant, 1997; Oliver e Hyde, 1993; Smith, Guthrie e Oakley, 2005; Townsend, 1995; Twenge, 1997; Wiederman, 1997). A impressão que deixa é que são os adolescentes e jovens adultos do gênero masculino quem mais deseja e pratica relações sexuais sem envolvimento emocional.

O duplo padrão sexual, fenômeno social em que é dada maior permissividade ao gênero masculino no que toca a comportamentos e atitudes sexuais, ainda é uma realidade nos dias de hoje. Mas cada vez mais o gênero feminino tem vindo a emancipar-se, e desde a criação dos métodos contraceptivos que as mulheres têm podido viver a sua sexualidade de forma mais livre, adotando atitudes e comportamentos sexuais que dantes eram somente “autorizados” ao gênero masculino. Ainda assim, algumas destas mulheres que assumem uma sexualidade mais liberta são julgadas e tidas como promíscuas.

Como se traduzem, então, estas diferenças entre os gêneros quando se encontram numa relação de ACB? O que acontece numa relação deste tipo em que, dum lado, temos o homem, que supostamente lida bem e até prefere este tipo de relações descomprometidas, e do outro a mulher, que se crê socialmente que busca o envolvimento emocional, compromisso e romance? Tendo em conta a crença social de que as mulheres dão sexo em troca de amor e os homens dão amor em troca de sexo, qual será o desfecho para a maioria destas relações? O que será que o homem e a mulher pretendem tirar duma relação deste tipo, já que ela parece não oferecer ao gênero feminino aquilo que se acredita que procura, e oferecer ao homem aquilo com que, supostamente, se sente mais confortável?

Hipótese 1: As relações de ACB são mais frequentes entre o gênero masculino do que entre o gênero feminino.

Hipótese 2: É mais fácil para os homens manterem uma relação de ACB sem se envolverem emocionalmente/apaixonarem do que para as mulheres;

Sexualidade e História

O sexo é «*o acto mais supremamente social, uma troca humana de amor e poder*»,

Eli Zaretsky (1976)

Até meados do séc. XIX, a vida familiar e a relação matrimonial eram indissociáveis, encerrando-se a sexualidade na família conjugal e na seriedade da função reprodutora. As mulheres das famílias aristocráticas e burguesas eram sistematicamente doutrinadas para restringirem os seus desejos, contrariamente ao homem solteiro que se gabava dos seus dotes de sedutor e de não ser apanhado pela rede do matrimónio. Não existia grande diferença entre as leis do casamento e as leis de propriedade, e o amor e sexo eram muito requisitados fora do matrimónio. No séc. XVIII, fazia parte das funções do homem casado proteger publicamente a pureza sexual das mulheres da sua família, tanto que um homem que fosse enganado pela sua mulher adúltera era, também ele, punido. Era com base nestes princípios que a honra moral do homem se fundamentava. As suas irmãs, mulher e filhas espelhavam a sua honra, ao ponto de os piores insultos que um homem desta época poderia ouvir seriam dirigidos não a ele, mas às mulheres da sua família. Assim, os homens reclamavam autoridade sobre elas e, conseqüentemente, exigiam delas qualidades morais que não exigiam a eles próprios. O adultério de uma mulher era sinónimo do fracasso do homem no cumprimento do seu dever como seu esposo e proprietário.

A virgindade era extremamente valorizada nos séc. XVIII e XIX, e o vestuário, que ocultava estrategicamente determinadas partes da anatomia feminina, era a sua fortaleza e garantia. Ao tornar certas partes do corpo da mulher em tabu, o desejo sexual convertia-se em sublimação cultural, no desejo de “ver” e “ser visto”. O corpete era um excelente exemplo deste tipo de vestuário, uma “muralha” quase literal desta fortaleza que sufocava a mulher. A virgindade, para além de ser o capital, a moeda com que algumas jovens raparigas contavam para encontrarem esposo, era também o capital social da família, e por isso toda a família se certificava que a rapariga se mantivesse virgem.

Mas com o aproximar do séc. XX, conjuntamente com o aparecimento de teorias permissivas de espírito libertino e de correntes filosóficas que dão atenção à felicidade terrena, a

discussão da sexualidade e da virgindade passa a conciliar o moral e o físico, e as mulheres começam a ter a possibilidade de exigir uma vida de que também elas possam desfrutar livremente. O surgimento de certas danças como a *fox-trot* e *jazz-band* reflectem a libertação do corpo através de movimentos ritmados e velozes, marcando a temporalidade das paixões igualmente passageiras, cadenciadas e velozes. Surge uma reacção contra a imagem de esposa dedicada/dona de casa e o matrimónio não mais é exclusivamente associado à procriação e fidelidade.

Mas com o entrar do séc. XX o romantismo entra em decadência e começa a ser associado a ilusões, fantasias e doenças perigosas. A sexualidade e vida emocional passam a ser racionalizadas, transformando a paixão fora do contexto familiar numa ameaça à estabilidade do matrimónio.

Com a emancipação da mulher e o movimento feminista surge, também, o movimento do “direito ao corpo”, a tal ponto racionalizado que a anatomia feminina é transformada em território genital. A sexualidade feminina é tida como algo inexistente, e se se manifesta é, então, sinal de desvio, de perversão ou possessão.

Sexualidade e Sociedade

As raparigas, tal como os rapazes, desde muito novas que têm consciência do seu género, ainda que raramente tenham conhecimento físico dos seus genitais, já que estes localizam-se internamente no seu corpo, contrariamente aos genitais dos rapazes que, para além de se localizarem externamente e, por conseguinte, o seu acesso tanto visual como táctil é facilitado, são diariamente manipulados aquando as visitas à casa-de-banho. As raparigas são encorajadas a serem “boas meninas” e são gratificadas quando são conformistas e cumpridoras. Não tanto como os rapazes, elas são encorajadas a manifestarem as suas emoções e apreciarem carinhos e mimos. Estes estereótipos têm tendência a continuar pela vida fora.

Paixão, amor e sexo

Francisco A. Gomes distingue no seu livro *Paixão, Amor e Sexo* três tipos de amor: o amor romântico ou paixão, que se define pelo típico “turbilhão emocional e sexual entre duas

peças”, pela exclusividade sexual e pelo processo de erotização que irrompe numa relação de amizade e intimidade; o amor físico ou luxúria, que se define pela simples atracção sexual entre duas pessoas e existe uma predominância da hormona que comanda o desejo sexual, a testosterona; e, finalmente, o amor afeição, que Allen Gomes define como “um conjunto de sentimentos variados, entre os quais vínculo sexual, que se vão sedimentando ao longo dos anos”. Independentemente da definição de cada um, existe um denominador comum: o sexo. O prazer sexual faz parte do sistema de gratificação cerebral e tem um grande poder motivacional. No entanto Allen Bloom, no seu livro de 1993 *Amor e Amizade*, diz-nos que “o sexo, no seu estado de natureza, é brutal e essencialmente desinteressante. Torna-se interessante em sociedade por causa daquilo que a sociedade lhe faz. E aquilo que a sociedade lhe faz é distorcê-lo, reprimi-lo e, conseqüentemente, intrometê-lo, como um intruso, em todas as áreas da vida”. Não admira que exista um certo desprezo pelo sexo e ele seja posto em segundo plano no fenómeno amoroso.

É crença dos dias de hoje, e Allen Gomes concorda, que os homens têm uma maior tendência para terem relações sexuais sem sentirem envolvimento emocional ou terem em vista um potencial casamento, e têm com mais facilidade relacionamentos sexuais com uma maior variedade de parceiras/os do que as mulheres. Possivelmente isto acontece porque a sexualidade masculina é mais focalizada nos genitais e no orgasmo, ao invés que as mulheres dão importância a um ambiente romântico e ao jogo amoroso que antecede o coito. Para além disso, os homens são mais facilmente excitados que as mulheres por estímulos visuais, e dão uma maior importância à atracção física aquando a escolha de uma mulher para a actividade sexual e casamento. Já às mulheres importa o estatuto sócio-económico de um futuro parceiro. Ainda que possam parecer desactualizadas aos olhos de alguns, estas diferenças na selecção dos parceiros e comportamento sexual têm mostrado persistência ao longo das gerações e revelado consistência ao nível transcultural. Os evolucionistas explicam esta persistência através da existência de um modelo reprodutivo que acredita que, enquanto as mulheres anseiam por uma estabilidade que seja propícia à educação e criação dos seus filhos por ter, o que implica que os seus poucos parceiros disponham de uma boa situação económica, os homens buscam juventude e mais variedade. Mas este modelo está extremamente desactualizado e actualmente, principalmente nas sociedades ocidentais, os papéis dos diferentes géneros já não obedecem a estereótipos ancestrais. Então, como se explica a persistência destas diferenças? Possivelmente, pela forma tradicional

como ainda se continua a fazer a socialização dos papéis sexuais. Deram-se, de facto, mudanças a nível das condições económicas e demográficas e ao nível das atitudes sobre o comportamento sexual e social dos homens e das mulheres, mas no caso das duas últimas a evolução é consideravelmente mais ténue. O facto de ainda hoje se poder observar uma diferença de idades entre homem e mulher no casamento em que o homem é, geralmente, mais velho, vai ao encontro do acima descrito, na medida em que, supostamente, o estatuto do homem vai aumentando com a idade, o que justifica que as mulheres procurem homens mais velhos, pois eles poderão oferecer maior estabilidade e segurança no que toca às condições sócio-económicas. Allen Gomes constata que “um dos factores de maior perturbação que encontro, a nível dos casais (com idade semelhante) que me consultam, é a discrepância de desejo entre homem e mulher, com os homens a queixarem-se da falta de apetência das suas mulheres. Estas, por sua vez, afirmam frequentemente, que «por elas, passavam bem o sexo» ao mesmo tempo que se queixam da falta de afecto da parte dos maridos que só são afectivos quando querem sexo”. Esta observação é consistente com esta diferença de idades comum entre os casais, já que à medida que um homem envelhece a produção de testosterona é menor, diminuindo o desejo sexual.

No capítulo em que Allen Gomes fala do orgasmo simultâneo podemos verificar uma série de diferenças psíquicas e biológicas ao nível da resposta sexual feminina e masculina. Ele explica-nos que, no que toca à excitação sexual, no caso do homem a erecção é um “barómetro” evidente do seu estado, enquanto que na mulher “a excitação sexual resulta mais de processos cognitivos sobre a significação dos estímulos do que um *feed-back* de vasocongestão periférica, responsável pela lubrificação vaginal”. A mulher, para se sentir sexualmente excitada, necessita de estar num estado de receptividade interna que faça com que os estímulos recebidos ganhem um carácter erótico, o que significa que a sua sexualidade é mais contextualizada, ou seja, mais ligada ao amor, paixão, romance e sensualidade. O prazer sexual feminino é vivido de uma forma mais íntima e subjectiva que o prazer sexual masculino. “O tipo de coisas de que uma mulher se queixa em relação ao sexo, tem menos a ver com a adequação da resposta genital e muito mais com a ausência de amor, paixão, romance e sensualidade em geral, o que implica uma sexualidade muito mais contextualizada” (Sandra Leiblum, 1999). Ora, percebe-se que a ausência de sinais externos visíveis da resposta sexual feminina tenha feito com que a sua sexualidade fosse anteriormente conceptualizada de uma forma especulativa e preconceituosa a um nível

“científico”, baseada num modelo reprodutivo que considera o “coito heterossexual com fins reprodutivos como a norma da actividade sexual”.

Allen Gomes comenta que “é usual afirmar que o desejo sexual é mais frequente no homem do que na mulher”, mas a sua opinião é que o desejo sexual masculino é mais constante que o da mulher, já que a expressão sexual feminina é mais contextualizada. Ainda hoje, o processo educativo educacional obedece a um duplo padrão sexual. A sexualidade feminina é mais restringida, menos genitalizada e desenvolve-se num contexto mais afectivo, e, por isso mesmo, o ritmo do seu desejo varia consoante as vicissitudes dos seus relacionamentos afectivos. Enquanto que o desejo masculino parece ser influenciado mais por factores biológicos, o feminino parece ser influenciado mais por factores psicossociais, mas não se descarta a possibilidade de que os homens minimizem estes últimos e as mulheres os hipervalorizem.

A expressão da sexualidade sofreu mudanças drásticas a partir do fenómeno da sida. Surgiu a necessidade de um «sexo seguro» e determinadas características da dita «sexualidade pura» foram modificadas de uma forma positiva, dando-se o retorno à afectividade, a introdução de novas regras de lealdade dentro dos relacionamentos amorosos, e da monogamia institucional passou-se à monogamia «seriada». Em contrapartida, a ressaca da sida estigmatizou todos os comportamentos sexuais ditos incorrectos, e as ciências do comportamento criaram uma nova doença: a adição sexual. Com o pretexto de ser um sexo seguro, a pornografia e o sexo comercial contribuem para a banalização do sexo, e toda a beleza e alegria que a revolução sexual lhe conferiu é-lhe retirada. Simultaneamente, as mulheres continuam a ser “mostradas como meros objectos de prazer e consumo” e, infelizmente, tratadas como tal por alguns. Um excelente dado exemplificativo disto é a forma como a violação foi encarada até há pouco tempo e alguns estereótipos sexuais que, de certa forma, a motivam ou desculpam.

A violação era definida até recentemente em quase todos os códigos penais como “o crime de praticar a cópula ilícita com qualquer mulher contra a sua vontade, por meio de violência física, de veemente intimidação, ou de qualquer fraude que não constituía sedução, ou achando-se a mulher privada do uso da razão ou dos sentidos”. Esta definição denota graves limitações como, por exemplo, uma visão estreita que considera como sexo apenas o coito propriamente dito, a penetração vaginal, ou seja, baseada no modelo reprodutor altamente desactualizado. Não há consideração pela humilhação sentida pela vítima quando forçada a

praticar outras actividades sexuais que não o coito. Esta definição legal do acto de violação protege a mulher somente de uma possível gravidez de um estranho ou defende a sua «honra» que está somente centrada na sua vagina. Na opinião de Allen Gomes, a violação é caracterizada pela combinação de sexo com violência, isto é, “uma motivação sexual em que a mulher é tratada como um mero objecto de satisfação sexual, ainda que não o queira”. Nem sempre a vítima é violentada por estranhos. Por vezes pode ser vítima de um amigo ou mesmo namorado, que interpretam alguns contactos físicos consentidos como uma «luz verde» para «irem até ao fim», mesmo que usando a força física ou psicológica. Neste tipo de violação em particular podem encontrar-se alguns estereótipos sexuais importantes: quando uma mulher diz «não» numa situação face-a-face quer, na verdade, dizer «sim» ou «talvez»; uma mulher tem que ir «até ao fim» caso tenha consentido anteriormente alguns contactos físicos; muitas violações acontecem devido à maneira “provocatória” da vítima se vestir ou agir, dando a entender que foi ela a verdadeira responsável.

«Nunca até ao movimento de libertação das mulheres nos anos 70, foi reconhecido que o distúrbio pós-traumático mais comum não é o dos homens na guerra, mas o das mulheres na vida civil»; (...) «O síndrome psicológico observado nas sobreviventes de violação, violência doméstica e incesto é, essencialmente, o mesmo do que o observado nos sobreviventes de guerra»; (...) «Há uma guerra entre os sexos. As vítimas de violação, as mulheres espancadas e as crianças sexualmente abusadas são as suas baixas. A histeria é a neurose de combate da guerra dos sexos»

Francisco Allen Gomes cit. Judith Herman (2004)

Hoje em dia existe uma maior liberdade sexual, mas socialmente, ainda existe uma separação dos papéis sexuais. A iniciativa do encontro amoroso, por exemplo, cabe ao homem. Allen Gomes acredita que, muito provavelmente, a entrega sexual para a maioria das mulheres faz-se através de uma mediação afectiva, e que ainda que o amor-paixão seja, para muita gente, o ideal do encontro sexual, muitos homens se assustam com o envolvimento afectivo. Nas palavras de Alberoni, o sexo é, para eles, um «interlúdio erótico», um erotismo descontínuo. A pornografia é um excelente exemplo da complexidade da sexualidade feminina.

A pornografia no geral é feita de homens para homens, e é quase lugar comum afirmar que as mulheres não são apreciadoras. Christianne Olivier (1992) diz-nos que “o que conta para a mulher não é o que ele faz mas a forma como o faz. A pornografia dela são as cenas de desejo abrasador que ela lê nos romances e vê nos filmes de amor, é o desejo que ela espera e é este que a excita: o erotismo é suficiente para a mulher, que não tem necessidade de ver a sexualidade para acreditar que o desejo existe”. Isto não quer dizer necessariamente que as mulheres não sintam excitação sexual perante a actividade sexual explícita, mas apenas não a sentem perante uma actividade sexual descontextualizada. Júlia Heiman (1977) demonstrou através de estudos laboratoriais controlados que, contrariamente à opinião popular que enfatiza que para uma mulher se sentir sexualmente excitada são essenciais elementos românticos, é o conteúdo sexual o responsável pela excitação em ambos os sexos, ou seja, que as mulheres não se mostram mais estimuladas fisiologicamente ou subjectivamente que os homens pelos aspectos românticos. O que acontece é que, subjectivamente, não se mostram minimamente excitadas, ainda que haja excitação fisiológica, ou seja, lubrificação vaginal. Ellen Laan esclarece esta discrepância entre excitação fisiológica e excitação subjectiva 17 anos mais tarde: “As mulheres perante um filme erótico feminino (pornografia feita por mulheres para consumo de mulheres e de casais) revelam mais afecto positivo, menos afecto negativo, mais excitação sexual subjectiva do que perante os filmes masculinos, mas a nível de vasocongestão genital não há diferenças”. Percebe-se que, no caso do sexo feminino, deve ser dada primazia à experiência subjectiva.

Num estudo realizado por Isabel Leal e J. Pais Ribeiro intitulado «Um olhar sobre o comportamento sexual e a virgindade na adolescência em Portugal: estudo comparativo», em que o objectivo consistiu em comparar as atitudes e comportamentos sexuais de jovens rapazes e raparigas, é explicado que vários estudos empíricos mostram existirem diferenças de género entre os estudantes do sexo feminino e masculino. Os rapazes tendem a ter sexo ocasional com mais frequência que as raparigas e a perder a virgindade através do coito numa idade mais precoce. Por outro lado, as raparigas mostram-se menos permissivas que os rapazes no que toca às atitudes e comportamentos sexuais, tendendo a terem como pré-requisitos para o início da actividade sexual o compromisso e a intimidade de base emocional. No seu estudo, I. Leal e J. P. Ribeiro concluíram que as raparigas mostraram serem menos permissivas relativamente ao sexo ocasional e não procurarem obtenção de prazer meramente físico, ou seja, assumindo atitudes sexuais de

ordem emocional. Relativamente aos rapazes, concluíram que estes tendem a ter mais relacionamentos e maior numero de parceiros sexuais do que as raparigas.

Fantasia Eróticas: segredos das mulheres portuguesas

Isabel Freire

As fantasias eróticas são privadas e não dependem da participação de um parceiro, por isso os especialistas defendem que elas, mais do que o próprio comportamento, podem ser reveladoras das diferenças de género em sexualidade. No entanto, Afonso Albuquerque refere existirem fantasias coincidentes nos dois sexos, como, por exemplo, as sadomasoquistas, os *ménage a trois* e as orgias, esclarecendo que as fantasias que englobam a exibição do corpo e enredos românticos são mais frequentes entre o sexo feminino. A sexóloga Gabriela Moita diz-nos que a “palavra”, seja ela qual for, consiste num ingrediente importante do imaginário erótico feminino.

«(...) Actualmente as mulheres têm relações sexuais quando lhes apetece e se não lhes apetece recusam-se. São mais donas do seu corpo e do seu prazer»

Francisco Allen Gomes

Isabel Freire destaca as principais três fantasias do primeiro capítulo do seu livro *Fantasia Eróticas: Segredos das Mulheres Portuguesas* como metáforas à emancipação feminina: a primeira, «a menina inocente e virgem que alguém mais velho e experiente – homem ou mulher – inicia sexualmente, de forma gentil e sedutora, mas sem margem para renúncia»; a segunda, «a procura do “sexo pelo sexo” com um prostituto, sem laços nem afectos, e, portanto, fora da esfera do “sagrado matrimónio” ou do compromisso estável», e a terceira, «o prazer sexual na igreja diante dos olhos de Deus, como recusa da ideia de pecado e da concepção reprodutiva do sexo». Os denominadores comuns destas três fantasias são o parceiro desconhecido e o encontro de carácter fugaz, inconsequente e descomprometido. Contrariamente ao verificado até aqui, ou seja, ao carácter emocional da sexualidade feminina, estas fantasias são desprovidas de romantismo e encontram-se fora do plano da emotividade. A liberdade, o risco, a ousadia e a interdição são os ingredientes principais do prazer erótico destas fantasias.

Afonso Albuquerque acrescenta dizendo que os estímulos mais importantes para as mulheres estão relacionados com a exibição do corpo, ou seja, aqueles em que a mulher se sente admirada e notada. As fantasias das mulheres em que elas são violadas, atacadas, raptadas, ou seja, dominadas, retratam isto mesmo, na medida em que nestas fantasias a mulher tem um papel passivo e, por isso, é procurada, é objecto de desejo e deixa-se conquistar e o homem, por outro lado, é o caçador, o explorador. De um modo geral o homem tem sido um «procureur», e estes dois papéis estendem-se também à realidade actual.

Já Ana Carvalheira insiste no carácter emocional da sexualidade feminina, expressando que o romance, a paixão, a intimidade, confiança e respeito são inerentes ao desejo sexual das mulheres, mais do que a estimulação sexual ou genital. Continua dizendo que a mulher requer proximidade emocional e é muito mais influenciada por factores relacionais, ao invés do homem que fica pronto para ter relações sexuais com muito mais facilidade. Ana Carvalheira diz ser esta a principal diferença entre as sexualidades feminina e masculina.

Seguidamente são apresentados excertos de testemunhos de algumas entrevistadas para o livro *Fantasia Eróticas: Segredos das Mulheres Portuguesas* de Isabel Freire. É curioso verificar que algumas destas mulheres fantasiam e até se sentem mais confortáveis com o sexo emocionalmente descomprometido, que outras dão extrema importância ao envolvimento emocional no acto sexual, e outras até que tanto fantasiam com sexo fugaz com um estranho e, ao

mesmo tempo, valorizam o romance e ligação emocional entre duas pessoas. É também perceptível nestes excertos a importância que algumas mulheres dão às características de personalidade de um potencial parceiro e de como estas podem ter um papel importante na escolha do mesmo, não necessariamente somente para um relacionamento de compromisso, mas também para um contacto sexual fugaz e ocasional, e de como a capacidade do mesmo em seduzi-las mentalmente tem um papel quase imperativo:

«Tenho tendência para a traição», heterossexual, 31:

“(...) sinto-me mais à vontade para estar com pessoas diferentes sem necessitar de uma relação estável. Sou mais do género ‘descomprometida’. Não me agradam muito os compromissos, pois não os consigo manter por muito tempo. Além de bastante inconstante, se tenho desejo por outra pessoa, lá vou eu, sem que isso interfira com o que sinto pelo meu companheiro (...). Numa saída à noite, numa discoteca, conheci um rapaz pelo qual me senti bastante atraída. Após alguma conversa trocámos números de telefone e na noite seguinte ele estava em minha casa (...). Outra vez, num jantar em casa de amigos, senti de imediato grande atracção por um rapaz que acabara de conhecer. Foi um desejo ardente e inadiável. Houve logo uma grande vontade de contacto físico, que concretizámos assim que surgiu a oportunidade depois de jantar. Sexo cru, envolvimento muito físico. Nos dois casos estes homens iam sair de Portugal! Será que essa perspectiva de descomprometimento me permitiu uma maior entrega? (...) O orgasmo nem sempre é importante, mas julgo que o estímulo psicológico é determinante para o atingir. (...) A ideia da menina inocente e da submissão feminina são muito excitantes para mim, apesar da grande contradição com a emancipação por que tanto luto e lutamos”.

«Sempre me excitou a relação paternal nas fantasias», heterossexual, 28 anos:

“Fomos educadas para sermos «super-mães», «super-filhas», «super-esposas», «super-profissionais» que acumulam com o papel de «super-donas-de-casa», isto se pretendemos ser «super-normais» e bem aceites pela generalidade e não ao contrário, que é qualquer coisa como «solteirona-frígida», «solteirona tipo-prostituta» ou «solteirona tipo-freira». Bombardeada com tantas pressões culturais, secularizadas através da educação, dos costumes, das conversas de

cabeleireiro e de café, em que é a própria mulher a atribuir a si mesma os rótulos dos quais se tenta libertar, pergunto: Como poderá assim ser, sem que seja um pouco neurótica?”.

«Não sou a companheira ideal para o homem ‘médio’», 40 anos, heterossexual:

“(…) Uma relação monogâmica não preenche integralmente o meu imaginário nem as minhas necessidades e isso não tem nada a ver com o que sinto pelo meu parceiro. (...) As experiencias sexuais mais gratificantes ocorrem frequentemente depois de uma conversa estimulante, onde o afecto de qualquer forma marcou o momento e me fez sentir muito próxima daquela pessoa. (...) Gostava de paga para ter sexo com um desconhecido, num contexto controlado, sem complicações, seguro e profissional. (...) Falta-me a experiencia do sexo pelo sexo. Se fosse pago e anónimo, terminaria sem complicações finda da transacção. (...) Gostava de ser surpreendida por uma chamada telefónica inesperada, de carácter sexual, de preferência vinda de alguém desconhecido, do tipo ‘estou a fazer isto e vou-te fazer aquilo’”.

«Sou a primeira mulher da vida dela», homossexual, 44 anos:

“O meu imaginário sexual, por incrível que pareça, foi extremamente marcado pelo Cinema dos anos 40 a 60, com todo aquele romantismo e carga erótica recalcada e subjacente. Não imagino sexo sem amor. E existindo amor, o sexo é fundamental”.

«Gosto de ser dominada com garra», heterossexual, 42 anos:

“O sexo é essencial, mas não ao ponto de ser causa de união ou desunião. Entendo-o como uma carência física que só é lembrada quando se trata da minha própria necessidade, de forma egoísta. (...) Atrai-me a prática sexual com simples desconhecidos, sem revelação de identidades. Nos últimos anos, a minha libido diminuiu, penso que se deve à monogamia duradoura. Por outro lado, aumentou a vontade do acto sexual carnal sem sentimentos envolvidos. (...) A maior parte do meu sexo está no cérebro. A melhor estimulação para o orgasmo é mental. (...) Sou uma personagem monogâmica mais por consciência do que por vontade. (...) Em tempos, consumi alguma pornografia. Nem sempre é agradável, não consigo concorrer com tanto prazer fácil e acaba sempre por ter o efeito inverso. Prefiro uma boa descrição literária”.

«Freud explica!», 31 anos, heterossexual:

“(…) – para mim, a excitação é proporcional ao nível de admiração que sinto pelo outro. (...) A serenidade, maturidade e humor (original, certo?) do discurso masculino são as minhas fraquezas e para me deixar seduzir tenho de nutrir algum tipo de admiração intelectual. (...) Aos 20 anos encetei um caso tórrido com um amigo que era apaixonado por mim desde os cinco anos. Com ele, sim, consegui ver estrelas e constelações. Nesta relação não havia compromisso. Era apenas e só sexo. Ele tinha namorada, eu ia namorando. Nos intervalos, passávamos longos fins-de-semana fechados em casa, em êxtase total. Ali não tinha nada a perder nem a ganhar. Muito menos queria provar alguma coisa a alguém. (...) Este envolvimento com alguém que não queria para namorado, mudou a minha vida sexual. (...) É imperativo que exista uma boa dose de ternura a anteceder qualquer contacto sexual, pois sou mimada por natureza e preciso de ser muito ‘amanteigada’. (...) O cérebro é definitivamente a minha zona erógena por excelência (...). O orgasmo é importante (...). À parte disso, a estimulação directa do clítoris também ajuda, assim como uma boa dose de estimulação intelectual (...)”.

«Qual dos dois resiste mais tempo sem ter um orgasmo?», 29 anos, heterossexual:

“Nunca tive nenhuma relação de compromisso, apenas uma ‘amizade colorida’ que durou muitos anos, mas a pessoa nunca quis assumir. Ou talvez tenha sido eu, que sempre procurei o meu espaço e independência. (...) Funciono muito mais a um nível intelectual que físico, pelo que o sexo para mim é secundário. (...) Para mim é importante atingir o orgasmo. Mas quando há uma boa cumplicidade pode sentir-se prazer sem ele. Eu preciso de ser estimulada intelectualmente e com jogos de sedução para sentir desejo sexual, no início, no meio e no fim. (...) Tenho alguma dificuldade em me entregar para ser acariciada. Nunca tive muito gozo em que me lambessem ou mordiscassem os mamilos. Em relação ao sexo oral, também não é fácil ‘convencerem-me’. Penso que se resume tudo ao lado amoroso e carinhoso que uma relação sexual tem que ter para mim. (...) As minhas fantasias recorrentes, nomeadamente quando estou sozinha, reportam-me sempre às situações já vividas e que me trouxeram muito prazer, muita partilha, porque esse também é um motor de excitação por excelência. (...) Acho que só o amor nos pode livrar de tabus”.

«Sempre com desejos contidos», 24 anos, heterossexual:

“(…) O meu pai sempre foi o mais protector possível com as filhas. Sempre nos disse que não se pode confiar nos homens, já que foi muito mulherengo durante a juventude. A minha mãe sempre desdramatizou! E a minha avó é excessivamente católica, está tudo dito!!! Esta mistura contribuiu em muito para a minha forma de viver a sexualidade: sempre com desejos contidos. Preciso, antes de tudo, mesmo antes dos preliminares, de muita conversa e troca de olhares”.

Este último excerto é extremamente representativo de uma educação feminina centrada no autocontrolo. Usando as palavras de Gabriela Moita: «A educação feminina é quase toda centrada no “não te deixes levar, tu vê lá”, “se te deixas levar, vai acontecer algo de grave, vão deixar-te”, e portanto, muitas mulheres, mesmo já tendo ultrapassado tudo, ficaram com este chip lá dentro. (...) Por outro lado, há um pensamento social: “os homens são sempre mal intencionados. Olha que eles só querem as mulheres para...” – todas ouvimos isto (em casa, nos vizinhos, no cinema). Há quem tenha registado este discurso e o tenha posto lá dentro, mesmo que não esteja já consciente (...)». Allen Gomes desenvolve, afirmando que se transmite muito «a ideia de “tu vê lá”, (...) e provavelmente cria-se a noção de que, se se atinge um determinado nível de desejo, torna-se perigoso para a mulher, pode ceder ao que não quer».

Duplo Padrão Sexual

A sexualidade é frequentemente utilizada como veículo de comunicação das motivações sociais, aparecendo ligada ao sistema social, económico e político e, conseqüentemente, é difícil isolá-la como entidade independente (Foucault, 1977/1994; Cova, 1999). Deu-se um deslocamento do sexual para outras actividades de carácter não-sexual do quotidiano. Através da análise dos arquivos da História da Humanidade verificam-se “construções sócio-culturais assentes em alicerces normativos, que regem as relações sociais, afectivas e sexuais de uma determinada época, corroborando o dimorfismo entre géneros” (RAMOS, Vera, CARVALHO,

Cláudia Constante e LEAL, Isabel Pereira. Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*, abr. 2005, vol. 23, no. 2, p. 173 – 185), e as leis intemporais que cristalizaram as diferenças entre os géneros mantiveram-se ao longo dos tempos. Isto significa que “o dimorfismo entre géneros não é o resultado de uma determinação genética do sexo ou da atribuição de um imperativo social, mas produto de uma construção histórico-cultural” (RAMOS, Vera, CARVALHO, Cláudia Constante e LEAL, Isabel Pereira. Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*, abr. 2005, vol. 23, no. 2, p. 173 – 185). As crenças sociais relativas à sexualidade assumem-se, num determinado momento histórico-cultural, como reguladores sexuais das experiências sexuais.

Deram-se, ao longo dos tempos, determinados acontecimentos sociais e científicos que contribuíram para cimentar as diferenças entre os géneros e, conseqüentemente, levaram à criação de um duplo padrão sexual (Bettelheim, 1989). Este conceito foi criado por Reiss (1964) e pode ser definido como “um conjunto de normas sociais que determinam a prática de comportamentos sexuais diferenciados para cada um dos géneros, sendo que aos homens seria concedida uma maior liberdade sexual” (RAMOS, Vera, CARVALHO, Cláudia Constante e LEAL, Isabel Pereira. Atitudes e comportamentos sexuais de mulheres universitárias: A hipótese do duplo padrão sexual. *Análise Psicológica*, abr. 2005, vol. 23, no. 2, p. 173 – 185). Reiss encarava o duplo padrão sexual como um método ortodoxo de proibir o sexo pré-marital para as mulheres e permiti-lo para os homens. Este standard evoluiu para um duplo padrão condicional que permitia que as mulheres tivessem relações sexuais apenas dentro de uma relação de amor e compromisso, enquanto que aos homens era permitido que tivessem tantas/os parceiras/os sexuais quantos quisessem sem condicionamentos.

Deu-se nas sociedades ocidentais uma profunda mutação dos comportamentos e atitudes sexuais entre os géneros, como consequência de consecutivos acontecimentos sociais, políticos e económicos. Esta mutação veio provocar uma alteração no modo como as relações e práticas sexuais das gerações ulteriores são vividas. A sexualidade é, muitas vezes, revestida de certas concepções e valores que acentuam a polaridade entre feminino e masculino, e isto deve-se, naturalmente, a uma série de acontecimentos históricos que têm vindo a vincar as diferenças sócio-sexuais entre os géneros e em muitos destes acontecimentos se dava uma subtracção da sexualidade feminina ao princípio dominador – o homem.

Estudos relativos aos comportamentos sexuais de homens e mulheres sugerem que o duplo padrão sexual ainda influencia os géneros. Por exemplo, num estudo realizado por Weinberg, Lottes e Shaver (1995) os homens reportaram terem tido a primeira experiência sexual numa idade mais precoce e um número muito maior de parceiras/os do que as mulheres (Laumann, Gagnon, Michael e Michaels, 1994). De acordo com a psicologia evolucionista, as diferenças de género têm-se desenvolvido ao longo da evolução humana porque estão relacionadas com as capacidades reprodutoras (Weiderman, 1993). Como a capacidade reprodutiva do homem é maior, é considerado benéfico para eles inseminar o maior número de fêmeas possível a fim de maximizarem as hipóteses de sobrevivência da sua prole (Oliver e Shibley Hyde, 1993; Walsh, 1993). Numa perspectiva social, as mulheres são punidas quando se comportam de uma forma sexualmente permissiva, sendo estigmatizadas e isoladas, ao invés que o homem é congratulado e atinge popularidade e admiração quando adopta os mesmos comportamentos (Oliver e Shibley Hyde, 1993; Sprecher, Regan, McKinney, Maxwell e Waziensky, 1997). Os homens são encorajados pela sociedade a praticarem actividade sexual casual com uma multiplicidade de parceiras/os, enquanto que a mulher é encorajada a limitar a sua experiência sexual a relações monogâmicas e de compromisso. No que respeita às atitudes, Spreadbury (1982) realizou um estudo em que era pedido a mulheres e homens que avaliassem uma variedade de comportamentos sexuais de mulheres e homens hipotéticos e descobriu que mais facilmente as mulheres avaliam dado comportamento sexual de outra mulher como promíscuo do que de um homem, o que sugere que as mulheres suportam o duplo padrão sexual. Outra abordagem é com base na escolha de parceiro. O'Sullivan (1995) descobriu que tanto no caso masculino como no feminino, pessoas com uma elevada experiência sexual eram menos preferidas para um encontro amoroso ou como companheiro/a. Sprecher et al. (1997) descobriu que tanto homens como mulheres preferiam para potencial companheiro pessoas sem experiência sexual, mais do que pessoas com experiência sexual moderada ou extensa. No entanto, Oliver e Sedikides (1992) descobriram que mais facilmente os homens do que as mulheres preferiam parceiras/os com uma maior experiência sexual para um encontro casual.

Vera Ramos, Isabel Leal e Cláudia Constante Carvalho realizaram um estudo em Portugal em 2005 acerca do duplo padrão sexual, em que o objectivo era perceber a percepção das jovens universitárias no que toca às modificações nos padrões de comportamento sexual pré-marital e, posteriormente, verificar se existiam diferenças entre a percepção que tinham relativamente à

maneira como os outros julgam certos comportamentos sexuais adotados por ambos os gêneros, ou seja, no contexto social, e o seu julgamento pessoal relativamente a esses mesmos comportamentos. Os resultados mostraram que as inquiridas manifestaram uma tendência para perceberem que, nos julgamentos sociais relativos ao sexo pré-marital, existia a presença de um duplo padrão sexual. Outro resultado obtido foi a percepção que o modo como a definição do conceito de duplo padrão sexual é feita tem influência no tipo de resposta das inquiridas. Isto quer dizer que quando o duplo padrão sexual é estabelecido por um indicador como, por exemplo, o número de parceiros sexuais, a maioria das inquiridas considerava que as mulheres que haviam tido um número elevado de parceiros sexuais eram mais severamente julgadas que os homens que tinham tido o mesmo número de parceiras. Já no que toca ao indicador liberdade sexual, verificou-se que a maioria da amostra que considerava que era dada aos homens uma maior permissividade sexual, eram seguidas de um número elevado de outras que afirmavam que ambos os sexos tinham a mesma liberdade. Esta discrepância parece estar relacionada com a maneira como o duplo padrão sexual é conceptualizado, sugerindo que o modo como o duplo padrão sexual é percebido depende de como ele é definido (Milhausen e Herold, 2001).

A maioria dos resultados obtidos em investigações anteriores dedicadas à percepção social do duplo padrão sexual (Mark e Miller, 1986; Milhausen e Herold, 1999; Milhausen e Herold, 2001) sugerem a existência de um duplo padrão sexual ao nível do contexto social, ou seja, que a maior parte dos participantes que faziam parte das respectivas amostras percebiam a existência de uma discrepância aguda entre os gêneros no que toca às orientações normativas que impunham padrões de comportamento sexual com base no duplo padrão sexual. Consequentemente, aquando a adopção de uma conduta sexual que ultrapasse as fronteiras da moral sexual socialmente estabelecida numa dada sociedade, as mulheres serão mais severamente julgadas que os homens pelos membros dessa sociedade.

Outro resultado desta investigação sugere que os julgamentos pessoais das jovens universitárias relativamente a certos comportamentos sexuais pré-maritais desempenhados por ambos os gêneros vão ao encontro de um padrão sexual singular, ou seja, que as mulheres têm como base os mesmos valores normativos assentes na igualdade de oportunidades sexuais para ambos os gêneros aquando o julgamento de comportamentos sexuais dos mesmos.

A avaliação das respostas pessoais das participantes deste estudo relativamente a determinados comportamentos sexuais pré-maritais praticados por ambos os gêneros sugere a

aceitação pessoal de um *script* sexual assente num padrão sexual singular aplicado a ambos os géneros em que, no que toca à sexualidade pré-marital, é comportada a valorização de normas morais restritivas relativamente à prática de certos comportamentos sexuais, como a prática de relações sexuais com muitos parceiros e a prática de relações sexuais casuais (Gentry e College, 1998; Hendrick e Hendrick, 1987; Mark e Miller, 1986; Milhausen e Herold, 1999, 2001; Sprecher, 1989; Sprecher, McKinney e Orbuch, 1991; Weinberg, Lottes e Shaver, 1995, 2000). No entanto, a maioria das participantes demonstrou julgar mais negativamente o carácter de um homem que tenha tido muitas parceiras sexuais do que o carácter de uma mulher que tenha tido o mesmo número de parceiros sexuais. Este resultado vai ao encontro de um padrão sexual invertido. Trata-se de um padrão comportamental sexual em que as mulheres julgam mais negativamente o comportamento sexual dos homens do que o de outras mulheres que tenham adoptado o mesmo comportamento sexual. Este fenómeno pode estar relacionado com o facto de as mulheres mostrarem uma preferência por homens com um nível de actividade sexual moderada (Sprecher et al, 1991). No que toca à avaliação da percepção da existência de um duplo padrão sexual no contexto social, a maioria das participantes demonstrou perceber que os outros membros integrantes do contexto social apoiavam um *script* sexual assente no duplo padrão sexual.

De um modo geral, este estudo concluiu que as participantes podem de certa forma perceber a existência de julgamentos sociais que têm como base o duplo padrão sexual, o que não significa que aprovem a existência desse padrão no contexto social. Simultaneamente, no que toca ao nível pessoal, concluiu que elas podem realizar julgamentos que vão de encontro a outro tipo de padrão sexual que não o duplo padrão sexual.

As diferenças de género relativamente aos sentimentos de culpa associados à infidelidade

A infidelidade nas relações é um fenómeno comum, mas nem toda a infidelidade é igual. Aparentemente, os homens e as mulheres percebem os seus casos de infidelidade de uma forma não equivalente, sendo que as mulheres tendem a afirmar que as suas infidelidades têm um carácter mais emocional do que sexual e, no caso dos homens, acontece o oposto, ou seja, enfatizam o carácter sexual das suas infidelidades ao invés do carácter emocional. Para além disto, uma série de investigações mostraram que as mulheres tendem a ter mais ciúmes das infidelidades de carácter emocional do homem e que os homens tendem a ter mais ciúmes das infidelidades de carácter sexual da mulher (ex.: Brase, Caprar, and Voracek, 2004; Buss, Larsen, Werten, and Semmelroth, 1992; Buss e tal., 1999; Shackelford, Buss, and Bennett, 2002). Entende-se por infidelidade emocional quando um indivíduo que está numa relação de compromisso se envolve emocionalmente/apaixona-se por outra pessoa que não o/a companheiro/a (Brase e tal, 2004), e infidelidade sexual é definida pelo envolvimento sexual com outra pessoa que não o/a companheiro/a. Estas diferenças entre os géneros pode ser explicada no impacto que a traição terá ao nível do sucesso reprodutivo de indivíduo, ou seja, os ciúmes que os homens têm das traições de carácter sexual das suas companheiras advêm do facto de um homem não poder ter a certeza da sua paternidade como uma mulher tem da sua maternidade e, por conseguinte, poderem correr o risco de estarem a providenciar para a descendência de outro homem. As mulheres, em contrapartida, que têm completa certeza da sua maternidade, sentem-se mais ameaçadas pela traição de carácter emocional do que pela traição de carácter sexual, pois importa-lhe encontrar e manter um parceiro disposto a investir na sua descendência a longo prazo (Daly, Wilson e Weghorst, 1982). Uma traição de carácter emocional aumenta a probabilidade que o tempo, atenção e recursos do homem tenham que ser divididos com outra mulher e descendência (Daly e tal., 1982; c.f. DeSteno, Bartlett, Braverman and Salovey, 2002).

Investigações anteriores acerca de relações sexuais extraconjugais têm indicado que os homens reportam sentirem menos culpa que as mulheres após a infidelidade e é mais provável que a encarem como justificável (Johnson, 1970). Similarmente, ainda que ambos os géneros acreditem que o coito extraconjugal provém de problemas conjugais, as mulheres têm uma maior tendência que os homens a sentirem culpa seguida de infidelidade (Spanier e Margolis, 1983). No entanto, o sentimento de culpa parece não depender do conhecimento do parceiro da infidelidade (Spanier e Margolis, 1983). Mongeau, Hale e Alles (1994) apresentaram a universitários cenários

de infidelidade sexual que variavam consoante a mesma era intencional ou não e foi pedido aos participantes que se imaginassem a envolverem-se num caso de infidelidade. Os resultados mostraram que a culpa foi o único componente inversamente influenciado pela intenção, ou seja, quanto mais intencional fosse a infidelidade, menor a culpa sentida.

Ainda que a infidelidade seja uma grande causa de divórcios (Atkins, Yi, Baucom e Christensen, 2005; Betzig, 1989), nem todos os casais optam por pôr termo à relação após a infidelidade (Lawson, 1988). Em parte, a decisão de perdoar o parceiro ao invés de escolher terminar a relação deriva do tipo de infidelidade. Os homens demonstram mais dificuldade que as mulheres em perdoar uma infidelidade de cariz sexual do que de cariz emocional e têm uma maior tendência em terminar a relação após uma infidelidade do primeiro tipo (Shackelford, Buss e Bennett, 2002).

Padrões de Vinculação e Sexualidade

A teoria da vinculação romântica tem tido uma grande influência no estudo das relações entre casais e conceptualiza o amor romântico em torno de três sistemas comportamentais: vinculação, cuidado e sexo. Ainda que as investigações tenham dado mais ênfase à questão da vinculação, a sexualidade interpreta um papel central na maioria das relações românticas.

Os padrões de vinculação dentro das relações românticas foram inicialmente abordados qualitativamente, podendo variar entre vinculação segura, evitante ou ansiosa (Hazen e Shaver, 1987). Este sistema de categorização tripartida baseava-se no trabalho de Ainsworth acerca da vinculação infantil, ou seja, da vinculação da criança ao seu progenitor primário, mais comumente a mãe (Ainsworth, Blehar, Waters e Wall, 1978).

Nos modelos mais recentes de vinculação romântica (ex.: Mikulincer e Shaver, 2003, 2007) o tipo de vinculação evitante é caracterizado como uma estratégia de «desactivação» do sistema de vinculação, reduzindo os sentimentos de vulnerabilidade de uma pessoa a sentimentos de rejeição e abandono e fazendo com que esta dependa de terceiros para lhe transmitirem conforto e segurança. Pessoas que tenham uma pontuação alta na escala evitante da ERP (Experiências em Relações de Proximidade ou *ECR (Expereinces in Close Relationships)*, Brennan et al., 1998) geralmente não querem confiar num parceiro para suporte emocional, não gostam de terem de providenciar suporte emocional a um parceiro e gabam-se da sua suposta autonomia e confiança. Teoricamente, pessoas com este padrão de vinculação desenvolverem esta estratégia para conseguirem lidar com o seu progenitor que reprovava demonstrações de emoção ou vulnerabilidade e insistia numa autonomia prematura. Em contrapartida, o padrão de vinculação ansioso é tido como uma estratégia de «hiperactivação» do sistema de vinculação. Uma pessoa com este padrão de vinculação seria extremamente vigilante relativamente ao interesse, compromisso e fidelidade do seu parceiro. Acredita-se que este padrão se desenvolve como resposta a progenitores que foram instáveis ou excessivamente ansiosos e auto-focados, e que precisavam que a criança manifestasse emoções negativas de uma forma dramática para perceberem que o seu auxílio era necessário.

Shaver e Hazan (1988), tendo como base a afirmação de Bowlby (1969/1982) que explicava que a activação de um sistema comportamental de vinculação afectava o funcionamento de outros sistemas comportamentais, como a exploração, colocaram a hipótese de a insegurança relativamente ao apego poder interferir com a percepção de sinais de atracção e excitação sexuais e, conseqüentemente, afectar os motivos que conduziam aos encontros sexuais e afectar a experiência sexual dos mesmos. Teoricamente, pessoas com um padrão de vinculação evitante sentem-se desconfortáveis perante a intimidade (Bartholomew e Horowitz, 1991), fazendo com que seja mais provável que procurem relações sexuais de curto-prazo, já que geralmente nestas a intimidade é menor. Pessoas com um padrão ansioso provavelmente procurarão a relação sexual com o objectivo de se assegurarem que o parceiro gosta delas e como meio de captar a atenção do mesmo, chegando mesmo a alinharem com as demandas sexuais do parceiro afim de evitarem reprovação ou rejeição.

Estudos empíricos têm suportado a hipótese de que uma vinculação segura cria bases estáveis e positivas para a experiência sexual. Pessoas com uma vinculação mais segura tendem a acreditar que o sexo deveria acontecer dentro de uma relação romântica de compromisso (Brennan e Shaver, 1995). Estas pessoas reportam terem tido menos encontros sexuais de uma noite (Cooper, Shaver e Colins, 1998) e menos encontros sexuais com estranhos ou meros conhecidos (Paul, McManus e Hayes, 2000). Mais ainda, pessoas relativamente seguras reportam terem experimentado mais emoções positivas do que negativas numa relação sexual do que pessoas inseguras (Birnbaum, Reis, Mikulincer, Gillath e Orpaz, 2006; Gentzler e Kerns, 2004; Tracy, Shaver, Albino e Cooper, 2003).

Ambos os padrões de vinculação insegura, o evitante e o ansioso, estão associados a níveis mais baixos de excitação, prazer e satisfação sexuais (Fricker and Moore, 2002; Morrison, Urquiza e Goodlin-Jones, 1997), níveis mais elevados de coerção física por parte do parceiro sexual e mais casos de envolvimento em sexo indesejado (Gentzler e Kerns, 2004; Tracy e tal., 2003). Davis (2006) sugere que indivíduos ansiosos têm mais probabilidades de adotarem comportamentos sexualmente insistentes ou coercivos quando experimentam ameaças à relação ou à proximidade da mesma, enquanto que pessoas evitantes têm mais probabilidades de cederem à coerção sexual de estranhos aquando novas relações, sob influência dos pares ou com a intenção de impressioná-los.

O tipo de vinculação insegura evitante está particularmente associado ao esforço em não se tornar demasiado íntimo ou dependente de um parceiro e, para tal, evita a relação sexual por inteiro ou apenas se envolve na mesma num contexto casual. Este padrão de vinculação está também associado a uma maior aceitação do sexo casual e de uma maior adopção deste comportamento (Brennan e Shaver, 1995; Feeney, Noller e Patty, 1993; Gentzler e Kerns, 2004). Adolescentes e alunos de faculdade evitantes têm mais probabilidades que os seus pares não tão evitantes de já terem tido relações sexuais com um estranho ou mero conhecido (Coopere et al., 1998; Paul et al., 2000). Mais ainda, a probabilidade de terem tido relações sexuais como demonstração de amor e afecto pelo parceiro é menor que a dos seus pares, e mais provavelmente retiram ao sexo a importância que ele tem (Birnbaum et al., 2006; Brennan et al., 1998; Tracy et al., 2003).

Contrastando, indivíduos ansiosos têm tendência a procurar proximidade emocional nas suas relações românticas, o que é prova do seu grande desejo pelo envolvimento emocional do parceiro aquando a relação sexual (Birnbaum et al., 2006) e da sua rejeição das relações sexuais fora do contexto de relações de compromisso (Brennan e Shaver, 1995). A sua ânsia por aprovação e afecto pode também fazer com que se sintam ineficazes aquando negociações sexuais, como, por exemplo, durante a discussão do uso de contraceptivos com o parceiro, na resistência, em ser pressionado para ter sexo indesejado (Feeney, Peterson, Gallois e Terry, 2000) ou em concordar com sexo desprotegido (Feeney, Kelly, Peterson, Gallois e Terry, 1999; Feeney et al., 2000). Indivíduos ansiosos têm mais probabilidades do que os seus pares em terem relações sexuais por medo de perderem o parceiro (Schachner e Shaver, 2002; Tracy et al., 2003) e têm tendência a preocuparem-se mais com a possibilidade de terem uma fraca performance sexual (Birnbaum et al., 2006).

Ainda que o acima descrito se aplique tanto a homens como a mulheres, é importante mencionar que por vezes são reportadas diferenças entre os géneros. Por exemplo, no caso do género masculino, o padrão de vinculação ansioso está por vezes relacionado com uma baixa frequência de actividade sexual (Feeney, et al., 1993) e com uma idade mais avançada do ocorrer da primeira relação sexual (Gentzler e Kerns, 2004), enquanto que mulheres ansiosas têm mais probabilidade de terem a primeira relação sexual numa idade menos avançada durante a adolescência (Bogaert e Savada, 2002; Coopere et al., 1998; Gentzler e Kerns). Contrariamente aos homens, mulheres com o padrão de vinculação ansioso tendem a ter uma atitude mais

positiva relativamente ao sexo casual e têm mais probabilidades de adoptarem este comportamento (Allen e Baucom, 2004; Bogaert e Savada, 2002; Feeney et al., 2000). Estas diferenças de género podem dever-se ao facto de uma vinculação ansiosa diminuir a confiança sexual de um homem, enquanto que leva a mulher a ter relações sexuais descomprometidas para obter a aprovação do parceiro (Tracy et al., 2003).

O Estudo

Afim de perceber as diferenças entre os géneros masculino e feminino no que toca às atitudes e comportamentos referentes às relações de *amigos com benefícios*, foi aplicada uma entrevista semiestruturada de 18 questões a uma amostra por conveniência de 30 sujeitos heterossexuais com idades compreendidas entre os 25 e os 30 anos. Por «amostra por conveniência» pretendo dizer que os sujeitos seleccionados foram pessoas presentes no meu quotidiano ou pessoas conhecidas de amigos, que se disponibilizaram. Assim sendo, é importante enfatizar que não se trata de uma amostra representativa da população portuguesa. Acrescento ainda que procurei não ser influenciada por alguma informação prévia que eu pudesse ter dos sujeitos entrevistados, de forma a não usar essa mesma informação como requisito de selecção.

A recolha da amostra consistiu em contactar essas mesmas pessoas – algumas delas já minhas conhecidas – através de contacto telefónico, correio electrónico e até mesmo *Facebook*. Alguns dos participantes foram-me apresentados no próprio dia, e procedeu-se à aplicação da entrevista devido ao facto de eles se disponibilizarem na hora. Ao contactar as pessoas em questão, expliquei-lhes que me encontrava no momento a elaborar a minha tese de mestrado em psicologia clínica e qual o tema da mesma, nunca dando demasiada informação para não correr o risco de influenciar as respostas dos sujeitos, caso eles aceitassem participar. Caso os sujeitos

concordassem participar e se encontrassem dentro do espectro de idades estabelecido, era então marcado um dia, hora e local para proceder à aplicação da entrevista.

As entrevistas foram aplicadas, na sua maioria, na casa de residência dos participantes. Houve casos em que foram aplicadas no local de trabalho dos mesmos e outros em espaços públicos. Quando se tratava de um espaço público, tive sempre o cuidado de me colocar com o entrevistado num local reservado e pouco frequentado, afim de o conteúdo sensível das respostas ficar somente entre o participante e entrevistador. Para registar as respostas dos sujeitos, foi utilizado o gravador. Na aplicação das entrevistas comecei por me apresentar e explicar o tema da minha tese, isto no caso de participantes que não eram meus conhecidos, e seguidamente pedia-lhes permissão para gravar as respostas através do gravador. Nenhum participante se opôs.

Originalmente pretendia-se aplicar um questionário a uma amostra de maior dimensão, mas devido ao facto de a bibliografia directamente relacionada com o tema ser reduzida e, por conseguinte, não ter encontrado um questionário que preenchesse os requisitos que eu achava necessários, decidiu-se proceder à criação de um guião, afim de ser aplicado em formato de entrevista face-a-face a uma amostra um pouco mais reduzida. Ainda que o guião tenha questões que se possam considerar directas e estruturadas, a entrevista propriamente dita foi semiestruturada, pois fiz questão de dar espaço tanto a mim própria como aos entrevistados para divagação em torno das perguntas, sempre assegurando-me que a questão original não se perdia de vista.

O guião é, então, composto pelas seguintes 18 questões:

1. Conhece o termo *amigos com benefícios*? Como o define?

O termo *amigos com benefícios* pode ser definido como: «uma relação de médio/longo prazo, não romântica e sem compromisso, entre dois amigos que mantêm relações sexuais».

2. Concorda com esta definição? Se não concorda, em que aspectos?

3. Na sua opinião, este tipo de relação difere de uma relação de namoro? Se sim, em que aspectos?

4. Conceberia ter uma relação de *amigos com benefícios*? Porquê?

5. (Caso a resposta à questão 4 seja afirmativa) Conceberia ter mais do que uma relação de *amigos com benefícios* em simultâneo?

6. Classifique numa escala de 1 a 5, sendo que 1 significa nada satisfeito e 5 muito satisfeito, o grau de satisfação emocional que acredita que este tipo de relação pode providenciar:

1

2

3

4

5

7. Alguma vez esteve numa relação de *amigos com benefícios*?

8. Com quantas pessoas diferentes já teve este tipo de relação?

9. Alguma delas foi uma pessoa com quem antes teve uma relação de namoro?

10. Encontra-se presentemente numa relação de *amigos com benefícios*? Se sim, há quanto tempo?

11. (Caso a resposta à pergunta 10 seja negativa) Quando foi a última relação deste tipo que teve e quanto tempo durou?

12. Alguma vez teve mais do que uma relação de *amigos com benefícios* em simultâneo? Se sim, qual foi o número máximo de pessoas com quem manteve este tipo de relação?

A entrevista foi aplicada a 30 (trinta) pessoas: 15 (quinze) do sexo masculino e 15 (quinze) do sexo feminino. A média das idades da amostra total é de 27.23, sendo que a média das idades do grupo feminino é de 26.73 e do grupo masculino de 27.73. Não foram entrevistados sujeitos do sexo masculino com idade inferior a 25 ou superior a 34 ou do sexo feminino com idade inferior a 25 ou superior a 31. A moda das idades da totalidade da amostra é 25, e nos grupos feminino e masculino são 26 e 25, respectivamente

As Respostas

«1. *Conhece o termo amigos com benefícios? Como o define?»*

Dos 30 sujeitos, 8 do sexo masculino e 9 do sexo feminino afirmaram estarem familiarizados com o termo *amigos com benefícios*, enquanto que os restantes 7 do sexo masculino e 6 do sexo feminino conheciam somente o termo *amigos coloridos*, que é outra forma de denominar este tipo de relação. Nenhum dos sujeitos desconhecia ambos os termos.

No que toca à forma como os sujeitos do sexo masculino definem este tipo de relação, 10 dos sujeitos referem explicitamente o carácter sexual da mesma e não mencionam outro sentimento que não «amizade». Já 3 dos sujeitos, mais especificamente os sujeitos 8, 12 e 17,

mencionam na sua definição outros sentimentos. O sujeito 12 refere que «(...) não há amor no sentido tradicional. Não há um envolvimento emocional ao nível de um namoro», o que dá a entender que ele acredita que existirá algum tipo de envolvimento emocional, ainda que não tão acentuado como numa relação de compromisso amoroso. O sujeito 17 refere que «(...) É uma relação mais física do que propriamente sentimental», o que sugere que ele dá ênfase ao carácter sexual da relação mas não descarta a existência de uma vertente sentimental. No caso do sujeito 8, que define a relação de *amigos com benefícios* como «Duas pessoas que têm uma proximidade mais íntima, sexual ou não, mas que não assumem uma relação», para além de enfatizar a questão da «intimidade», ele refere também que esta mesma intimidade pode incluir relações sexuais ou não, o que sugere a existência de algum tipo de sentimento para além da amizade. Já o sujeito 24 não refere em parte alguma da sua definição a relação sexual, afirmando que um *amigo colorido* é «Aquela pessoa pela qual tu sentes desejo mas ao mesmo tempo acabas por ter receio (...) acabas por se calhar prolongar e nunca tomar aquela iniciativa e dar o primeiro passo (...) e se calhar acabas por estar anos à espera desse momento». Ainda que fale em desejo, parece descrever algo mais platónico que nunca chega a concretizar-se. O sujeito 2 também não menciona explicitamente qualquer comportamento sexual na sua definição, mas parece-me estar subentendido.

No que toca às mulheres, 5 não mencionam de forma explícita o carácter sexual da relação. Expressões como «intimidade», «confiança», «relação amorosa» e «empatia» apareceram nas respostas de 8 das mulheres, o que denota ênfase dada à parte emocional/sentimental. Por exemplo, a entrevistada 4 define a relação de *amigos com benefícios* como uma relação que vai «além do amigo, ser um extra na relação, com mais empatia, mais intimidade com essa pessoa do que se tem com um amigo normal». A entrevistada 30 fala de uma relação que se tem com «um amigo com quem eu posso contar para tudo. Com quem a confiança é tão extrema que não dá para namorar mas dá para ter algumas coisas para além disso. (...)».

A entrevistada 19 define como «amigos que têm sexo ocasional. Supostamente deveria ser só isso». Este «supostamente» dá a entender que a entrevistada acredita que uma relação de *amigos com benefícios* é, então, mais do que apenas «amigos que têm sexo ocasional». A entrevistada 9 vai mais longe, dizendo que «para algumas pessoas a componente sentimental

pode não estar incluída, para outras pode, mas a meu ver está sempre relacionado. (...) não se prolonga por mero acaso».

«2. O termo amigos com benefícios pode ser definido como: uma relação de médio/longo prazo, não romântica e sem compromisso, entre dois amigos que mantêm relações sexuais. Concorda com esta definição? Se não concorda, em que aspectos?»

Da totalidade da amostra, 8 sujeitos do sexo masculino e 8 do sexo feminino concordam com a totalidade da definição.

Dos 7 sujeitos do sexo masculino que não concordam, 6 discordam com a parte «médio/longo prazo» e 1 discorda com a parte «mantêm relações sexuais». Das mulheres, 2 não concordam com a parte «médio/longo prazo», 4 não concordam com a parte «não romântica» e 1 acrescenta que pode também ser uma relação entre meros conhecidos e não apenas exclusiva a amigos.

Os sujeitos 17 e 29, que se incluem no grupo dos 6 sujeitos do sexo masculino que discordam com a parte «médio/longo prazo», desenvolvem dizendo que «(...) Acho que inevitavelmente, ou vão acabar por encontrar alguém ou, eventualmente, uma das partes pode vir a querer mais» (sujeito 29) e «(...) Chega a uma altura que alguém vai sentir mais carinho ou vai sentir mais proximidade pela outra pessoa e vai sentir mais intimidade e vai ter que avançar para outra coisa. Acho que isso é uma fase, não um estado» (sujeito 17). O sujeito 24 mantém-se fiel à definição que deu na questão 1, desenvolvendo: «O manter relações sexuais nem sempre é verdade (...). Estás apaixonado por ele (...) e esse amigo se calhar nunca se apercebeu que tu...(...)». Nesta resposta o sujeito 24 acrescenta algo: o sentimento de paixão, e de todos os 15 sujeitos do sexo masculino, ele é o único a mencionar este sentimento e a tê-lo como parte da definição. Mas acrescenta ainda que se esse sentimento for partilhado pelas duas partes, aí sim haverão relações sexuais.

A entrevistada 27 desenvolve: «(...) Tenho mais a ideia que costuma ser curto/médio prazo. (...) a longo prazo as pessoas procuram uma situação mais estável emocionalmente (...)». A entrevistada 28, que não concorda com a parte «não romântica», acredita que «(...) numa relação de *amigos com benefícios* há sempre alguém que se envolve. (...)», tal como a entrevistada 13 que comenta que «(...) Pelo menos de uma das partes tem que haver uma ligação».

«3. Na sua opinião, este tipo de relação difere de um namoro? Se sim, em que aspectos?»

A totalidade dos sujeitos dos 30 entrevistados/as concorda que a relação de *amigos com benefícios* é diferente de uma relação de namoro.

Nas duas seguintes tabelas estão representadas as principais características que os 15 sujeitos do sexo masculino e os 15 sujeitos do sexo feminino apontaram como sendo diferentes numa relação de namoro e numa relação de *amigos com benefícios*:

	ACB	Namoro
Expectativas	-	+
Compromisso	-	+
Envolvimento romântico	-	+
Individualidade	+	-
Perspectiva de um futuro	-	+
Quotidiano a dois	-	+
Exclusividade sexual	-	+
Exigências	-	+

Tabela 1: Principais factores de distinção entre uma relação de namoro e uma relação de *amigos com benefícios* referidos pelos sujeitos do sexo masculino.

	ACB	Namoro
Expectativas	-	+

Compromisso	-	+
Envolvimento romântico	-	+
Assumir publicamente	-	+
Perspectiva de um futuro	-	+
Quotidiano a dois	-	+
Exclusividade sexual	-	+
Demonstrações de afecto em público	-	+

Tabela 2: Principais factores de distinção entre uma relação de namoro e uma relação de *amigos com benefícios* referidos pelos sujeitos do sexo feminino.

Falando primeiro nos factores referidos pelos sujeitos do sexo masculino:

No que toca ao factor *expectativas*, o sujeito 1 refere: «(...) A outra pessoa não espera nada de ti e tu não esperas nada dela».

O factor *compromisso* foi mencionado por 9 dos sujeitos e todos eles concordam que ele faz parte de uma relação de namoro mas não faz parte de uma relação de *amigos com benefícios*. O sujeito 29 diz: «(...) O único compromisso que há numa relação de *amigos com benefícios* é o não envolvimento psicológico (...)».

O factor *envolvimento romântico* foi referido por 5 dos sujeitos, e todos eles concordam que: ou ele não existe numa relação de *amigos com benefícios* e existe num namoro, ou, se existir numa relação de *amigos com benefícios* não é com a mesma intensidade com que existe numa relação de namoro. O sujeito 12, por exemplo, acredita que há algum tipo de envolvimento: «Não há tanto envolvimento emocional. (...) A envolvência é, claramente, mais amizade (...). Não é só sexo, mas não há aquele romantismo todo (...)». A resposta do sujeito 25 vai no mesmo sentido: «(...) És capaz de ter o carinho que tens por uma pessoa com quem namoras, mas diferente. Se calhar não tens tanto aquela necessidade de estar mais perto da pessoa. (...)».

O factor *individualidade* é mencionado por 3 dos sujeitos, pelo menos de uma forma mais explícita. Eles concordam que a individualidade é algo que se mantém numa relação de *amigos com benefícios* e da qual se abdica numa relação de namoro. O sujeito 8, falando de uma relação

de namoro, refere que «A maneira de estar, os meus próprios objectivos pessoais poderão ser moldados a essa relação». O sujeito 11 acredita que numa relação de *amigos com benefícios* há «isenção de responsabilidades conjuntas. (...) Como numa amizade, fazem aquilo lhes apetece mas sem certos factores que inibam de fazer um dia-a-dia diferente». O sujeito 29 refere que numa relação de namoro se tem «uma vida em conjunto».

O factor *perspectiva de um futuro* foi referido por apenas 2 dos sujeitos: «Se calhar não estás tão preocupado em pensar num futuro com aquela pessoa (...)» (sujeito 10); «(...) esse conceito de família, de construir uma vida a dois, construir uma família (...) Quando me sinto bem com alguém começo a pensar a longo prazo na minha vida» (sujeito 8).

O factor *quotidiano a dois* foi referido por 3 dos sujeitos. Mais especificamente, o sujeito 10 refere o «dia-a-dia» como sendo diferente numa relação de namoro e numa relação de *amigos com benefícios*: «(...) se calhar não há jantares de família (...)». O sujeito 20 acredita que numa relação de *amigos com benefícios* não se fazem «(...) coisas de namorados: não vão ao cinema juntos, não vão passear juntos (...)». O sujeito 29 diz que «o namoro exige (...) uma relação amorosa e diária entre os dois. (...) Tens uma vida em conjunto (...)».

O factor *exclusividade sexual* foi referido apenas por 1 dos sujeitos, o sujeito 12. Ele refere que «(...) não há uma relação monogâmica. (...) Para mim, quando um homem diz que tem uma amizade colorida, o que ele quer dizer é que não suporta monogamia, não consegue ir para a cama só com uma pessoa e, por isso, tem várias amizades coloridas. É muito raro o caso de um homem que tem só uma amizade colorida e se sente bem com isso. Se tens uma amizade colorida é porque queres ter sexo com muita gente. (...)».

O factor *exigências* é referido por 2 dos sujeitos. O sujeito 25 responde: «(...) Acho que não podes cobrar nada a ninguém nem ninguém te pode cobrar nada», e o sujeito 17 afirma que «(...) Num namoro podes exigir certas coisas e com um amigo colorido poucas são as coisas que podes exigir, se é que podes exigir alguma coisa (...)».

Falando dos factores referidos pelos sujeitos do sexo feminino:

O factor *expectativas* foi referido pela entrevistada 27, que acredita que «se eu namorar com alguém, vou esperar certas atitudes, certas coisas que não espero de uma relação desse tipo (referindo-se a uma relação de *amigos com benefícios*) (...)».

O factor *compromisso* foi referido por 7 dos sujeitos do sexo feminino e a maioria concorda que é um componente que faz parte de uma relação de namoro e não faz parte de uma relação de *amigos com benefícios*. No entanto, a entrevistada 13 refere que «(...) se calhar na relação entre as pessoas acaba por ser exactamente a mesma coisa que numa relação de namoro. (...)».

O factor *envolvimento romântico* foi referido por 6 das entrevistadas e todas concordam que, ou não faz parte de uma relação de *amigos com benefícios* e faz parte de uma relação de namoro ou, se faz parte de uma relação de *amigos com benefícios* não é com a mesma intensidade que aparece numa relação de namoro. A entrevistada 14 acredita que «para namorares com alguém tens de gostar da pessoa, tens de estar apaixonado. (...) nas relações coloridas não há nenhum sentimento a não ser o sexo. (...)».

O factor *assumir publicamente* a relação é referido pelas entrevistadas 3 e 22, e ambas concordam que, ao contrário de uma relação de namoro, a relação de *amigos com benefícios* não é assumida publicamente.

O factor *perspectiva de um futuro* é referido pela entrevistada 5. Ela comenta que entre uma relação de namoro e uma relação de *amigos com benefícios* existem diferenças «no há vontade do casal, nas expectativas, na perspectiva de um futuro – viverem juntos, terem filhos (...)».

O factor *quotidiano a dois* é referido por 6 das entrevistadas. Enquanto que 5 destas mulheres acreditam que é um factor que não existe numa relação de *amigos com benefícios*, a entrevistada 18 acredita que pode ser igual a uma relação de namoro.

As entrevistadas 9 e 26 referiram o factor *exclusividade sexual* como fazendo parte de uma relação de namoro mas não de uma relação de *amigos com benefícios*: «As pessoas não se sentem na obrigação de dar satisfações, algumas de serem fieis, até» (entrevistada 9); «(...) Numa relação de namoro há outras coisas envolvidas (...). O compromisso, o dever justificar se há outra pessoa, enfim. (...)» (entrevistada 26).

O factor *demonstrações de afecto em público* é referido por 3 das entrevistadas: «(...) demonstrações de carinho em publico não existem numa relação de *amigos com benefícios*» (entrevistada 26); «Num namoro (...) tens a questão de dar a mão, de saíres à rua e haver uma certa cumplicidade que não há numa relação entre amigos, ou seja, a cumplicidade do desejo, do toque (...)» (entrevistada 30); «(...) O amigo colorido, à partida, fica mais escondido. Portanto,

tu sais com um grupo de amigos e se calhar só alguém mais perspicaz pode perceber que há ali alguma química (...)» (entrevistada 22).

«4. Conceberia ter uma relação de amigos com benefícios? Porquê?»

11 dos 15 sujeitos do sexo masculino e 14 dos 15 sujeitos do sexo feminino responderam que conceberiam ter uma relação de *amigos com benefícios*, restando 4 do sexo masculino e 1 do sexo feminino que responderam que não.

Dos sujeitos do sexo masculino que conceberiam ter este tipo de relação, a maioria deu os motivos já referidos nas respostas às perguntas 1, 2 e 3. No entanto, dois dos sujeitos, mais especificamente os sujeitos 17 e 24, afirmaram que dependeria «se fosse aquilo de que eu estivesse à procura na altura, claro. Se se adequasse ao que eu precisasse na altura, se não quisesse uma coisa tão profunda e sentimental. Se quisesse uma coisa mais física, claro» (sujeito 17), e que dependeria «das alturas em que não queiras mesmo ter um compromisso, por várias razões que tivesses (...)» (sujeito 24).

O sujeito 20, consistente com a sua resposta à questão 3, afirma que «(...) É fácil cair nesse tipo de relação, quer seja quando termina um namoro, que nunca é fácil de romper drasticamente. (...) Normalmente, é mais isso que associo a *amigos com benefícios*».

Já o sujeito 25 respondeu que «só conceberia, neste momento, ter relações de *amigos com benefícios*. (...) E, por isso, chamem-me consumista, chamem-me o que quiserem, mas acho que *amigos com benefícios* é a melhor coisa que há».

Os sujeitos 8, 10, 11 e 21 responderam que não conceberiam ter uma relação de *amigos com benefícios*, justificando da seguinte forma: «Porque quando me sinto próximo de alguém intimamente gosto de manter essa proximidade constante, ou seja, gosto de assumir mesmo uma relação (...)» (sujeito 8); «Não faz muito sentido. Não faz muito nexo para mim estar com alguém se não for genuinamente, com entraves» (sujeito 10); «Eu nunca fui muito de relações menos sérias ou mais promíscuas. Sempre tive relações sérias» (sujeito 11); «Não me identifico muito com isso. Com o oposto, até (...)» (sujeito 21).

No que toca às respostas dos sujeitos do sexo feminino, a maioria justifica-se apontando aquilo que elas entendem como vantagens desse tipo de relação. Por exemplo, a entrevistada 28 acredita que numa relação de *amigos com benefícios* «(...) podemos manter a nossa identidade (...)» e não é exigida «(...) metade da atenção e nós podemos repartir o tempo de uma maneira mais equilibrada ou mais egocêntrica (...)». A entrevistada 15 afirma que «(...) por vezes sabe bem ter alguém a quem não tens que prestar contas, que não te controla, não teres que ter responsabilidades, não teres que corresponder às expectativas de alguém». No entanto, a entrevistada 22 adverte: «(...) Acho que se for produtiva o suficiente para daí tirares os tais benefícios e não malefícios, faz sentido. Se começares a ver que é uma relação que está a começar a ser assimétrica, ou seja, que estás a querer passar para o campo do namoro e não consegues porque a outra pessoa não quer, então aí, se calhar, deixa de fazer sentido. Uma das partes já não vai no mesmo comprimento de onda».

Duas das entrevistadas, 19 e 27, justificam-se explicando que seria uma boa alternativa já que não se sentiam preparadas para se envolverem emocionalmente com alguém na altura da entrevista, devido a recentes experiências dolorosas no campo dos relacionamentos.

As entrevistadas 9 e 13 também conceberiam ter uma relação de *amigos com benefícios*, mas na condição de não se prolongar no tempo: «(...) quando entro numa relação dessas, penso sempre que as coisas vão evoluir para um namoro, ou então, acabou e cada um vai para seu lado. Se essa relação começa a prolongar-se muito sem evolução, para mim, deve acabar» (entrevistada 9); «Há relações que logo de início não queremos assumir e, partindo desse princípio, acho que toda a gente acaba por no princípio de uma relação ter esse envolvimento não tão sério. Não conceberia manter. Só como relação inicial, depois tinha de haver mais qualquer coisa» (entrevistada 13).

A entrevistada 26 foi a única que respondeu que não conceberia ter uma relação de *amigos com benefícios*, pois «(...) para mim amigo é amigo. Não consigo misturar, não consigo sentir qualquer tipo de atracção por amigos meus. Vejo os amigos como irmãos e então seria uma relação incestuosa. (...)».

«5. Conceberia ter mais do que uma relação de amigos com benefícios em simultâneo?»

Esta questão foi aplicada somente a quem respondeu afirmativamente à questão anterior e, dos 11 sujeitos do sexo masculino e dos 14 do sexo feminino que responderam afirmativamente à questão anterior, 7 do sexo masculino e apenas 1 do sexo feminino responderam que conceberiam ter mais do que uma relação de *amigos com benefícios* em simultâneo.

«6. Classifique numa escala de 1 a 5, sendo que 1 significa nada satisfeito e 5 muito satisfeito, o grau de satisfação emocional que acredita que este tipo de relação pode providenciar»

As seguintes tabelas representam a distribuição dos sujeitos de acordo com o grau de satisfação emocional que atribuem à relação de *amigos com benefícios*:

Grau de satisfação emocional	Número de sujeitos
1 – Nada satisfatório	2
2 – Satisfatório	4
3 – Nem satisfatório nem insatisfatório	6
4 – Satisfatório	1
5 – Muito satisfatório	2

Tabela 3: Distribuição dos sujeitos do sexo masculino consoante o grau de satisfação emocional que atribuem à relação de *amigos com benefícios*.

Grau de satisfação emocional	Número de sujeitos
1 – Nada satisfatório	0
2 – Satisfatório	0
3 – Nem satisfatório nem insatisfatório	14
4 – Satisfatório	0
5 – Muito satisfatório	1

Tabela 4: Distribuição dos sujeitos do sexo feminino consoante o grau de satisfação emocional que atribuem à relação de *amigos com benefícios*.

Nesta questão não era pedido aos sujeitos que justificassem a sua resposta, mas rapidamente percebi que muitos deles tiveram dificuldades em responder.

As citações de alguns dos 6 sujeitos do sexo masculino que escolheram a resposta 3 – «Nem satisfatório nem insatisfatório» são esclarecedoras dessa dificuldade: «Depende da fase em que tu estejas (...)» (sujeito 10); «Depende da fase em que estás. Se eu não quiser mesmo uma relação, se eu não me quiser envolver emocionalmente com uma mulher (...), ser amigo da pessoa mas não desenvolver ali uma exclusividade, a satisfação é 5. Agora, se tu estiveres numa de querer mais qualquer coisa, queres uma cumplicidade maior, queres olhar para a pessoa todos os dias ou com mais frequência, isso é claro que não. Destrói-te, até. (...)» (sujeito 7); «(...) Pode ser extremamente satisfatório para uma pessoa que se sente bem sozinha. (...)» (sujeito 6). Já o sujeito 29 escolheu a opção 3 por achar ser uma resposta intermédia relativamente à forma como o sexo, a seu ver, contribui para a satisfação emocional dos homens e das mulheres distintamente: «O nível de satisfação sexual para os homens e para as mulheres é muito diferente. Uma mulher pode estar muito tempo sem ter relações que, inevitavelmente, não constituiria grande problema. Um homem já não é a mesma coisa. (...) As necessidades de um homem são diferentes das necessidades de uma mulher. O facto de teres relações sexuais, para um homem, emocionalmente tira logo uma grande carga de cima de ti, ficas satisfeito. (...)».

O sujeito 25, que escolheu a resposta 2, desenvolve: «(...) acho que quem está à procura de uma relação dessas, que não quer ter nenhum compromisso nem nada, não está à procura de nenhum tipo de ligação emocional, acho que, nesse sentido, não vai ter nenhuma satisfação. Eles já são amigos, não vais obter mais nada por sexo». O sujeito 17, que também escolheu a resposta 3, acredita que «(...) uma relação de amigos coloridos (...) muito facilmente cai para um se estar a aproveitar do outro, no sentido em que o sentimento de um dos lados cresce e vais ter as pessoas em patamares diferentes (...). Se gostas da pessoa, é uma situação muito dura em que te estás a pôr. (...) A curto prazo pode ser uma coisa boa. A longo prazo é uma má solução».

O sujeito que escolheu a resposta 4, o sujeito 23, explica que «(...) depende daquilo que uma pessoa está à procura. Se uma pessoa está à procura de uma relação amorosa, acredito que seja muito pouco satisfatório. Mas se uma pessoa está à procura só de um tempo bem passado, não vejo qual será a desvantagem (...). Vou dar um 4, porque mesmo que não fosse isso que eu quisesse, na altura estava contente».

Os sujeitos 12 e 24 escolherem a resposta 5, e justificam, respectivamente: «(...) Varia muito com a tua predisposição para uma relação séria. Neste momento é 5, completamente»; «Acho que consegues manter (...) uma relação de *amigos com benefícios* mais do que muitos outros namoros. (...)».

No caso das mulheres, 14 delas escolherem a opção 3 - «Nem satisfatório nem insatisfatório» e apenas 1 escolheu a opção 5 - «Muito satisfatório». Nenhuma das restantes opções foram escolhidas.

Tal como aconteceu no caso dos homens, parece-me que muitas das mulheres escolherem a opção 3 por sentirem alguma confusão relativamente à subjectividade da questão. Algumas citações são prova disso mesmo: «Depende da fase da vida em que estamos. (...)» (entrevistada 28); «É tão relativo. (...) O facto de teres uma relação com benefícios pode ter as mais variadas razões, e o grau de satisfação terá de estar directamente relacionado com o objectivo que tens nessa relação» (entrevistada 22); «É extremamente subjectivo (...)» (entrevistada 5); «Depende muito daquilo que a pessoa procura».

A entrevistada 26 que escolheu a opção 5, justifica: «Pode ser uma relação altamente satisfatória, desde que estejam os dois única e exclusivamente para aquele tipo de compromisso. (...) Se a pessoa estiver bem com isso, se não quiser mais nada de uma relação, se não estiver preparada para uma relação emocionalmente estável e de compromisso afectivo de namoro e só quiser aquilo e estiver bem com isso».

Notou-se que bastantes sujeitos, exactamente por acharem que o grau de satisfação emocional varia consoante aquilo que a pessoa deseja, ou escolherem a resposta intermédia, o 3,

ou tomaram uma abordagem mais pessoal, no sentido de «se fosse eu, o meu grau de satisfação emocional seria x».

«7. *Alguma vez esteve numa relação de amigos com benefícios?*»

Da totalidade da amostra, 11 dos 15 sujeitos do sexo masculino e 10 dos 15 sujeitos do sexo feminino afirmaram já terem estado numa relação de *amigos com benefícios*.

«8. *Com quantas pessoas diferentes já teve este tipo de relação?*»

Nas seguintes tabelas apresenta-se a distribuição dos sujeitos de acordo com o número de relações de *amigos com benefícios* que tiveram até à data da entrevista.

	Masculino	Feminino
Entre 1 e 5 pessoas	9	8
Entre 6 e 10 pessoas	0	2
Mais de 10 pessoas	2	0

Tabela 5: Distribuição dos sujeitos dos sexos masculino e feminino consoante o número de relações de *amigos com benefícios* até à data da entrevista.

«9. *Alguma delas foi uma pessoa com quem antes teve uma relação de namoro?*»

Dos 11 homens e 10 mulheres que responderam afirmativamente à questão 7., 4 do sexo feminino e 4 do sexo masculino afirmaram já terem tido pelo menos uma relação de *amigos com benefícios* com alguém com quem antes haviam tido uma relação de namoro.

«10. *Encontra-se presentemente numa relação de amigos com benefícios? Se sim, há quanto tempo?*»

Somente 2 sujeitos do sexo masculino e 1 do sexo feminino afirmaram encontrarem-se numa relação de *amigos com benefícios* aquando a data da entrevista.

O sujeito 12 afirmou estar nessa mesma relação há 7 meses, e o sujeito 20 há 2 meses. No entanto, a relação de *amigos com benefícios* em que o sujeito 20 se encontrava na altura da entrevista era com a sua última namorada, o que é consistente com algumas observações por ele feitas em questões anteriores: «(...) Acho que pode passar de pessoas que estão a namorar e que já têm uma relação muito longa e que depois terminam e aquela fase entre terminar e terminar de vez origina um período de *amigos com benefícios*. (...)» (na resposta à questão 3.); «(...) É fácil cair nesse tipo de relação, quer seja quando termina um namoro, que nunca é fácil romper drasticamente. Há sempre ali aquele período. Normalmente, é mais isso que associo a *amigos com benefícios*. (...)» (na resposta à questão 4.); «Claro. Quase todas» (na resposta à questão 9.).

A entrevistada 22 afirmou que a relação de *amigos com benefícios* em que se encontrava na altura durava «(...) há 7 anos com uma quebra. Ultimamente, estou com ele há 2 meses». Nesta resposta pode verificar-se como a definição da relação *amigos com benefícios* pode ser subjectiva, pois é muitas vezes tida como uma relação que vai e vem, e que muitas vezes não tem um término – ou sequer um começo – explícito.

«11. *Quanto tempo durou a última relação deste tipo que teve?*»

Esta questão foi colocada somente aos sujeitos que responderam negativamente à questão 10.

A seguinte tabela representa a distribuição dos sujeitos consoante o tempo de duração da sua última relação de *amigos com benefícios*:

	Masculino	Feminino
Entre 1 e 3 meses	5	2
Entre 4 e 6 meses	2	3
Entre 7 e 9 meses	1	1
Entre 10 e 12 meses	1	1
Mais de 1 ano	0	2

Tabela 6: Distribuição dos sujeitos do sexo masculino e feminino consoante a duração da última relação de *amigos com benefícios* que tiveram.

«12. Alguma vez teve mais do que uma relação de *amigos com benefícios* em simultâneo? Se sim, qual foi o número máximo de pessoas com quem manteve este tipo de relação?»

Dos 21 sujeitos que já haviam tido uma relação de *amigos com benefícios*, 4 em 11 do sexo masculino e 1 em 10 do sexo feminino afirmaram já terem tido mais do que uma relação de *amigos com benefícios* em simultâneo.

- «13. Fale-me um pouco de uma dessas relações de amigos com benefícios;
14. Em algum momento durante essa relação sentiu vontade de passar a outro tipo de relação com essa mesma pessoa? Se sim, expressou a sua vontade explicitamente?;
15. Em algum momento sentiu que o/a seu/sua parceiro/a teve vontade de passar a outro tipo de relação consigo? Se sim, em algum momento ele/ela manifestou essa vontade explicitamente?;
16. A relação de amigos com benefícios com esse/a parceiro/a passou a outro tipo de relação?
Se sim, qual?;
17. Classifique numa escala de 1 a 5, sendo que 1 significa nada satisfeito e 5 muito satisfeito, o grau de satisfação física aquando da relação de amigos com benefícios com esse/a parceiro/a;
18. Classifique numa escala de 1 a 5, sendo que 1 significa nada satisfeito e 5 muito satisfeito, o grau de satisfação emocional aquando da relação de amigos com benefícios com esse/a parceiro/a»

Das 21 relações de *amigos com benefícios* contadas por 21 dos respectivos sujeitos, 11 delas aconteceram entre amigos (4 sujeitos do sexo masculino e 7 do sexo feminino), 5 entre conhecidos (3 do sexo masculino e 2 do sexo feminino) e outras 5 entre ex-namorados (4 do sexo masculino e 1 do sexo feminino).

A entrevistada 19 conta que «começou com uma grande amizade. Era o meu melhor amigo, a minha alma gémea, mesmo. Autênticas almas gémeas. Uma pessoa super importante na minha vida. Evoluiu para algo mais. Não namoro, mas uma relação sexual (...)». A relação de *amigos com benefícios* contada pelo sujeito 8 também começou entre amigos: «éramos amigos há algum tempo, partilhávamos o mesmo grupo de amigos. Na altura ambos tínhamos terminado relações. Acabámos por nos aproximar e deixámo-nos um bocado levar mais pelo cariz sexual,

mesmo, como tínhamos essa vontade... (...)». Também a relação de *amigos com benefícios* contada pelo sujeito 17 teve como base uma amizade: «começou com cumplicidade e amizade. A uma certa altura a coisa a seguir era o físico. Já que estávamos tão à vontade e éramos tão cúmplices em muitas coisas, e se nos sentíamos tão próximos um do outro em termos de amizade, o lógico era partir para uma coisa mais física (...)».

Os seguintes excertos fazem parte de alguns dos relatos de sujeitos que começaram a relação de *amigos com benefícios* que contaram com alguém com quem não tinham uma relação de amizade; eram apenas conhecidos: «(...) terminei uma relação no final de Dezembro, uma relação que era um namoro muito tempestuoso, muito conflituoso, que não me fez bem (...). Entretanto, aquele foi o primeiro rapaz que me fez rir. Começámos a falar e a partir daí as coisas desenvolveram-se naturalmente. Não concebo, neste momento, ter outra coisa que não isto. (...)» (entrevistada 27); «Eu tenho um grupo de amigos muito grande, cerca de 30 pessoas. Essa pessoa já tinha conhecido há 5 anos atrás e reencontrei-a nesse mesmo grupo de amigos. Começou no *flirt* e tudo mais. Eu estava a sair de uma relação de 4 anos que me tinha deitado muito abaixo e eu percebi desde cedo que ele não seria um rapaz de se envolver e então bloqueei-o imediatamente. (...) Pronto, embarquei numa situação casual, e como o bloqueei desde o início, para mim foi a situação mais fácil de conseguir. (...)» (entrevistada 28); «Começou no Bairro Alto. Acho que começou logo como *amigos com benefícios*. (...) Conhecemo-nos só nessa altura. (...)» (sujeito 1); «Começou de uma maneira muito bizarra, através do *Facebook*. (...) O que suponho que aconteceu é que eu estava na casa de um amigo e deixei lá o meu *Facebook* ligado, e essa pessoa deve ter estado no meu *Facebook* sem perceber e adicionou-a. Só me lembro de receber uma mensagem dessa pessoa a perguntar-me: “Eu não te conheço, temos este amigo em comum...”. Já estava a “dar sopa”, óbvio. E eu: “Ok. Não sei o que se passa aqui...”, Mas *chat* para aqui, *chat* para ali – estivemos no *chat* dois dias, para aí – e depois convenci-a a ir tomar um café e começámos logo aí. (...)».

Os 5 sujeitos que contaram a relação de *amigos com benefícios* que tiveram com a/o ex-namorado/da, tiveram apenas essa relação de *amigos com benefícios*: «Foi muito longa, mas teve muitas interrupções. Era o verdadeiro *amigos com benefícios*. Portanto, era sempre a mesma pessoa sempre que eu estava sozinha, porque ele esteve sempre sozinho. Era como um refúgio, um *back up*. No entanto tive dois namorados. Ele já tinha sido meu namorado antes» (entrevistada 3); «(...) A actual foi um namoro longo de 4 anos e meio que depois teve a tal fase

um bocado intermitente que acabou por acabar definitivamente, mas depois ainda desenvolveu esse período dessa fase de *amigos com benefícios* que durou cerca de 3 a 4 meses. Ainda estávamos apaixonados. É uma fase para um recomeço. (...)» (sujeito 20); «(...) Pronto, eu não perdi o contacto com ela, continuámos amigos. De vez em quando íamos ao cinema e depois, sei lá, proporcionou-se uma vez em que ela estava a precisar de uma massagem e trouxe recordações aos dois, provavelmente, e aconteceu. A partir desse dia acontecia de vez em quando durante algum tempo. (...)» (sujeito 23); «(...) De início estava só com essa amiga colorida... só sexo, quase. Enquanto estava nessa relação de amigos coloridos envolvi-me com outras 2 raparigas. Deixou de ter piada porque era melhor o amor para além do sexo. Ela tinha sido minha namorada e deixei de estar com as outras raparigas para estar outra vez com ela. (...) Deixei de estar com elas porque fazia mais nexos o sexo com amor do que só o momento (...)» (sujeito 2).

Ao ler as entrevistas não consegui deixar de me perguntar a mim mesma: porquê uma relação de *amigos com benefícios* e não uma relação de compromisso amoroso? Tendo em conta somente as respostas dos sujeitos do sexo masculino à questão 13., deparei-me com 3 grupos distintos: 1) casos em que os sujeitos sentiam atracção física mas não estavam apaixonados pela pessoa em questão, 2) casos em que o sujeito estava apaixonado mas não se sentia preparado para iniciar uma relação de compromisso amoroso com a pessoa em questão e 3) casos em que tanto o sujeito como a pessoa em questão estavam apaixonados e até desejavam iniciar uma relação de compromisso amoroso, mas escolheram ter apenas uma relação de *amigos com benefícios* por motivos exteriores ao casal tornarem uma relação de compromisso amoroso inconveniente. Curiosamente, só ao ler as respostas dos sujeitos do sexo feminino, me deparei com um novo grupo: 4) casos em que o sujeito estava apaixonado e desejava iniciar uma relação de compromisso amoroso, mas estes sentimentos não eram devolvidos pela pessoa em questão.

A seguinte tabela representa a distribuição dos sujeitos consoante os grupos em que se inseriram:

	Masculino	Feminino
Sujeito não estava apaixonado pela pessoa em questão;	7	3
Sujeito estava apaixonado mas não se sentia preparado para iniciar uma	3	1

relação de compromisso amoroso com a pessoa em questão;		
Sujeito estava apaixonado e desejava iniciar uma relação de compromisso amoroso com a pessoa em questão, mas era inconveniente por motivos exteriores ao casal;	1	1
Sujeito estava apaixonado e desejava iniciar uma relação de compromisso amoroso com a pessoa em questão, mas os sentimentos não eram devolvidos.	0	5

Tabela 7: Distribuição dos sujeitos consoante o motivo que os levou a iniciar uma relação de *amigos com benefícios*.

Exemplos de excertos de alguns sujeitos que se inserem no grupo 1:

Entrevistada 5: «Foi precisamente o conceito que dei. Só sexual sem qualquer tipo de compromisso amoroso. Acontecia só dentro daquelas 4 paredes. Provavelmente começou com o *flirt* normal. Já éramos amigos antes. (...) Não me apaixonei. Sabia bem como era. Acabou naturalmente. Distanciámo-nos»;

Sujeito 8: «(...) acabámos por nos aproximar e deixámo-nos levar um bocado pelo cariz sexual, mesmo, como tínhamos esse à vontade... (...). Sentia um grande carinho e amizade por essa pessoa. Sentia atracção física também, mas não estive apaixonado. Garantidamente não»;

Sujeito 10: «Começou de uma forma física. Senti atracção física por aquela pessoa e resultou do facto de começarmos a sair mais vezes juntos (...). Foi uma espécie de refúgio para as duas partes a nível afectivo. (...) Acabou pacificamente. Percebemos que era só aquilo que estava a acontecer, não havia mais nada mais profundo»;

Sujeito 12: «Conhecemo-nos através de amigos em comum e fomos sair à noite (...) houve ali bastante química, beijámo-nos (...). Sinto carinho e amizade por ela. Quase que diria que sentia amor, mas sei lá. Amor tem diferentes conotações. (...) Mas sinto um carinho muito especial, como costume sentir por toda a gente com quem me envolvo. (...)»;

Sujeito 17: «(...) Eventualmente a outra pessoa desenvolveu sentimentos por mim e eu não os tinha. Criámos um choque. Acabou mal. (...) via-a como uma amiga que me dava direito a um benefício (...))»;

Sujeito 23: «(...) Contudo, como eu sabia que provavelmente os sentimentos dela por mim eram mais fortes do que os meus por ela, tinha algum receio que isso pudesse dar a entender que eu estava disposto a reatar a relação. (...)»;

Entrevistada 27: «(...) Para mim, estar apaixonada e amar alguém é o único imperativo necessário para ter uma relação mesmo séria com essa pessoa. De outra forma, não concebo. (...) Não estava apaixonada por ele nem estou, mas gosto imenso dele e ainda falamos quase todos os dias. (...)»;

Entrevistada 28: «(...) percebi desde cedo que ele não seria um rapaz de se envolver e então bloqueei-o imediatamente. Já sabia que nunca conseguiria ter nada sério com aquela pessoa. (...)»;

Exemplos de excertos de alguns sujeitos que se inserem no grupo 2:

Entrevistada 3: «Sim, mas nunca tive coragem. Eu queria às vezes, mas nunca tive coragem. (...)» (questão 14)

Sujeito 20: «(...) A actual foi um namoro longo de 4 anos e meio. (...) É uma fase para um recomeço. (...)» (questão 13); «(...) Ainda não é a altura certa» (questão 14).

Exemplos de excertos de alguns sujeitos que se inserem no grupo 3:

Sujeito 1: «(...) Este tipo de relação era conveniente porque ela vivia no Porto»;

Entrevistada 22: «(...) eu gostava, se ele morasse mais perto. Não te consigo responder claramente porque ele não mora perto, e então, mesmo que eu sinta, automaticamente crio uma barreira a mim própria (...). Se ele morasse aqui acho que queria mais, acho que sim» (questão 14).

Exemplos de excertos de alguns sujeitos que se inserem no grupo 4:

Entrevistada 4: «(...) Acabou porque ele não era um tipo propriamente fiel, e eu, apesar de fazer muitas loucuras, não sou promíscua por aí além (...)» (questão 13); «Lá mais para o final da relação, antes de saber, sim. Pensei que poderia passar para algo mais sério. Ponderei em passar para namoro (...)»;

Entrevistada 9: «(...) eu comecei realmente a gostar dele. Falava nisso com ele e ele dizia que não queria relações, que achava ridículo. (...)»;

Entrevistada 14: «(...) Ao início não levei a mal, mas depois comecei a agarrar-me e a gostar dele (...)» (questão 13); «(...) ele disse que não queria nada mais. (...) Ele disse que só queria mesmo uma amizade colorida»;

Entrevistada 19: «(...) Eu apaixonei-me e ele não. Por mim teria sido um namoro. (...)»;

Entrevistada 30: «A grande relação de *amigos com benefícios* que eu tive foi com uma pessoa por quem eu estava realmente apaixonada. (...) A diferença é que eu gostava dele profundamente e não sabia muito bem o que ele queria».

No entanto, há que advertir que não foi averiguado que tipo de relação os sujeitos intencionavam ter com a pessoa com quem se envolveram e acabaram por ter a relação de *amigos com benefícios* que partilharam. Parece-me que na maior parte dos casos, a relação de *amigos com benefícios* não foi premeditada, antes aconteceu naturalmente. O que me pareceu intencional foi o não envolvimento romântico/emocional.

Na questão 13 não foi pedido ao sujeito que averiguasse se se tinha envolvido sexualmente com outras pessoas aquando a relação de *amigos com benefícios* que escolheram contar, mas alguns deles deram essa informação espontaneamente.

Então, dos 12 sujeitos que deram essa informação, 3 do sexo masculino e 1 do sexo feminino envolveram-se sexualmente com outra(s) pessoa(s) aquando a relação de *amigos com benefícios* que contaram. O sujeito 2 explica que se envolveu com mais duas raparigas para além da *amiga com benefícios* com quem estava na altura por uma questão de «vingança»: «(...) Ela contava-me dos outros gajos com quem estava (...)». A relação de *amigos com benefícios* da entrevistada 3 durou 4 anos «(...) mas teve muitas interrupções», e a entrevistada teve duas relações de compromisso amoroso com outras duas pessoa que não o *amigo com benefícios* durante esses 4 anos. O sujeito 6, falando da relação de *amigos com benefícios* que escolheu contar, explica que «(...) não havia de todo sentimentos de ciúmes. Estávamos juntos, no momento quer eu quer ela tínhamos mais *amigos com benefícios* e falávamos sobre isso abertamente (...)». Também o sujeito 12 se envolveu sexualmente com outras pessoas aquando a relação de *amigos com benefícios* que contou, a qual ainda estava a decorrer na altura da entrevista: «(...) Esta é uma das relações de *amigos com benefícios* em que estou agora. Nesta

altura estou com imensa gente, mas nem sei se se chama amigos coloridos. Tenho ido para a cama com muita gente, mas com mais regularidade tenho ido com três pessoas (...)).»

Dos 21 sujeitos que partilharam uma das relações de *amigos com benefícios* em que já haviam estado, 4 do sexo masculino e 6 do sexo feminino confessaram terem tido vontade de passar a uma relação de compromisso amoroso com o *amigo com benefícios* em questão. Dos 4 sujeitos do sexo masculino, 3 expressaram essa vontade explicitamente, e dos 6 do sexo feminino, somente 2 expressaram essa vontade explicitamente.

Ainda acerca da relação de *amigos com benefícios* que partilharam, 8 sujeitos do sexo masculino e 4 do sexo feminino afirmaram terem sentido vontade por parte do *amigo com benefícios* em questão de passar a uma relação de compromisso amoroso. Desses 8 sujeitos do sexo masculino, 7 tiveram confirmação dessa suspeita, ou seja, em 7 destes 8 casos o *amigo com benefícios* em questão expressou explicitamente essa vontade. Dos 4 sujeitos do sexo feminino, apenas 1 teve essa confirmação explicitamente.

Apenas 2 sujeitos do sexo masculino passaram da relação de *amigos com benefícios* para uma relação de compromisso amoroso com a pessoa em questão, sendo que um deles, o sujeito 2, que estava a ter a relação de *amigos com benefícios* com a última namorada, reatou o namoro. Nenhum dos sujeitos do sexo feminino que partilhou uma relação de *amigos com benefícios* passou a ter uma relação de compromisso amoroso com o *amigo com benefícios* em questão.

A seguinte tabela representa a distribuição dos sujeitos consoante o nível de satisfação física/sexual e o nível de satisfação emocional que atribuíram à relação de *amigos com benefícios* que partilharam na questão 13:

		Nada satisfatório	Insatisfatório	Nem satisfatório nem insatisfatório	Satisfatório	Muito satisfatório
Nível de satisfação física/sexual	Sujeitos do sexo masculino	0	0	2	2	7
	Sujeitos do sexo feminino	0	1	1	6	2
Nível de satisfação emocional	Sujeitos do sexo masculino	1	6	0	3	1
	Sujeitos do sexo feminino	1	2	2	4	1

Tabela 8: Distribuição dos sujeitos consoante o nível de satisfação física/sexual e o nível de satisfação emocional que atribuíram à relação de *amigos com benefícios* que partilharam na questão 13.

A maioria dos sujeitos atribuiu um maior grau à satisfação física/emocional do que à satisfação emocional, o que não surpreende dado que a relação de *amigos com benefícios* tem uma base mais sexual do que emocional. No entanto, houve algumas exceções, que são os casos dos sujeitos 3, 4, 14, 19 e 22 do sexo feminino e do sujeito 12 do sexo masculino. Nestes casos, a distribuição foi a seguinte:

	Nível de satisfação física/sexual	Nível de satisfação emocional
3	4	4
4	4	5
12	5	5
14	4	4
19	3	3
22	4	4

Tabela 9: Distribuição dos sujeitos 3, 4, 12, 14, 19 e 22 consoante o grau de satisfação física/sexual e o grau de satisfação emocional que atribuíram à relação de *amigos com benefícios* que partilharam na questão 13.